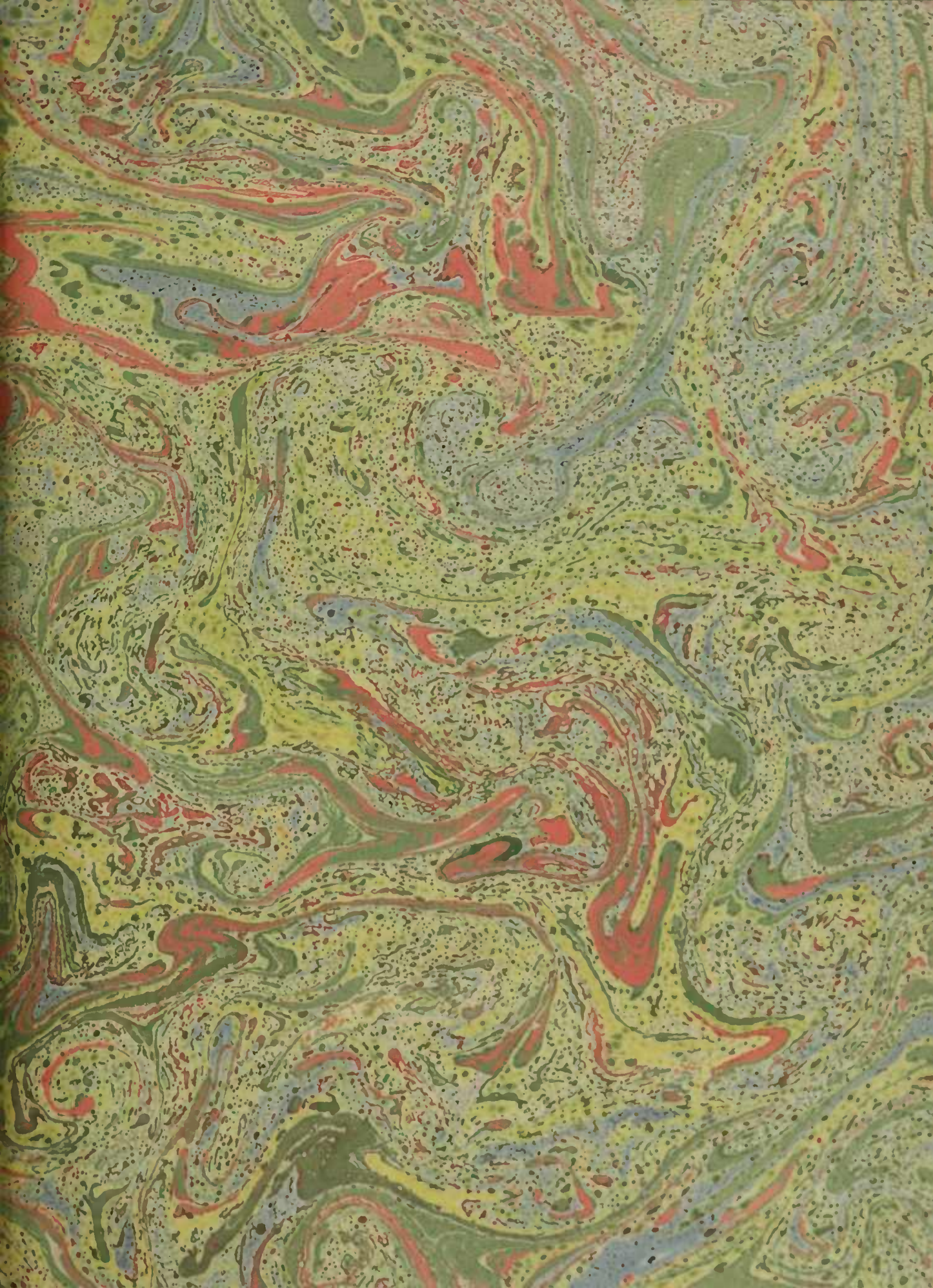


[The main body of the page contains a large, faint, and illegible rectangular area, likely representing a scan of a document page with very low contrast or a blank page.]







Graca Branka

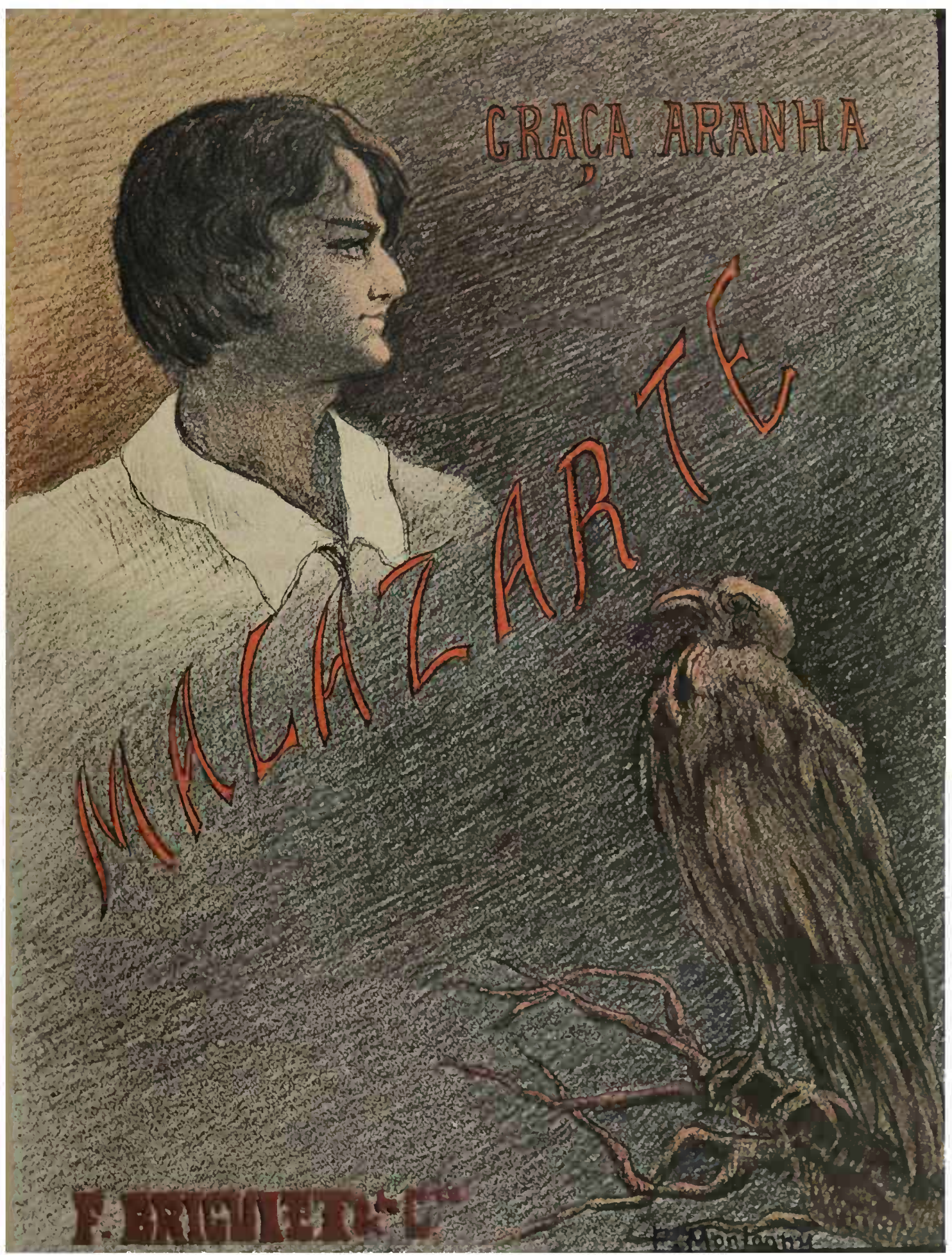
1928

GRACA ARANHA

MAZARTE

F. BRUNET & C.

Mon 10024



Foram tirados deste livro

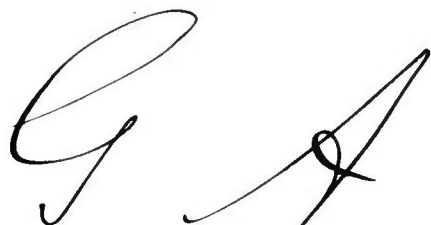
5 exemplares em papel das manufacturas imperiaes do Japão.

N^{os} 1 a V (Rubricados.)

15 exemplares em papel da Hollanda. N^{os} VI a XX. (Rubricados.)

550 exemplares em papel simili-japão. N^{os} 1 a 550.

Exemplar N^o IV

A handwritten signature consisting of the letters 'G' and 'A' in a cursive, flowing script. The 'G' is large and loops back, while the 'A' is tall and also loops back, ending in a sharp point.

A Nazareth

em lembrança das representações de
"Malazarte" em Paris e como testemu-
nho do profundo reconhecimento
do amigo estimado

Paris, outubro, 1911. Graca Abranches

MALAZARTE

GRAÇA ARANHA

MALAZARTE

ILLUSTRAÇÕES DE F MONTAGNY



F BRIGUIET E Cia, EDITORES

RIO DE JANEIRO

1911

*Esta peça foi representada pela primeira vez em Paris,
a 19 de fevereiro de 1911, no Théâtre de l'Œuvre.*

PERSONAGENS

MALAZARTE.

DYONISIA.

EDUARDO.

A MÃE.

ALMIRA.

PHILOMENA.

O CREDOR.

O ADVOGADO.

RAYMUNDO.

PRIMEIRO ACTO. *Frontespicio.*

(*Page 1.*)





nas arestas
PRIMEIRO ACTO

A' tarde, n'um jardim um pouco em desordem, para o qual dá a varanda de uma casa. A varanda mobiliada modestamente serve de sala de jantar. Nas grades e nos varáos vêm-se trepadeiras, parasitas e um canario n'uma gaiola. No jardim um caramanchão, bancos, e no fundo um poço de bordas guarnecidas de plantas. O jardim é cercado de grade, com um portão que abre para a rua.

Na varanda a Mãe examina papeis de familia, que estão n'uma caixa aberta sobre a mesa, e Militina faz renda.

A MÃE

Sempre que vejo estes papeis, o coração se me aperta. São

as minhas reliquias! Aqui está toda a minha vida, a nossa vida... Quando elle era vivo, quantas vezes na sua ausencia não me fechava no meu quarto, e sósinha não revia todas estas lembranças, não aspirava este cheiro antigo e saudoso!.. Hoje que elle é morto, quasi me falta o animo de abrir este relicario. Parece-me um sacrilegio tocar em cousas alegres com a alma triste...

MILITINA

E' espalhar cinza n'um canteiro de flôres.

A MÃE, continuando a examinar os papeis.

Esta carta... Oh! foi da nossa primeira separação depois de casados... Elle me escrevia assim, Militina : « — Como são longos e asperos os dias da saudade! Eu te vejo em tudo; mas, quando te busco, tu não estás nestas cousas extranhas que me cercam. Sejam fortes na tristeza, e sobretudo na alegria, quando nos reunirmos de novo. Faço esta viagem em tão angustiosa recordação de ti que muitas vezes me esqueço de que temos um filho... »

MILITINA

Pobre Eduardo!

A MÃE

Porque? Elle tinha o seu logar.

MILITINA

Sempre o esquecido, o ultimo... O amor de marido e

mulher abafava no coração de ambos o amor pelo filho. Deus Nosso Senhor não podia consentir nisso toda vida.

A MÃE

Aqui estão as reliquias desse amor! A morte nos puniu pelo que esquecemos na vida.

MILITINA

A Dudú não faltou mãe.

A MÃE

Sim, elle te deve tudo, e hoje eu te invejo, Militina.

MILITINA

Do coração delle estou certa como da luz que me allumia. Assim devia ser. Um menino que amamentei nos meus peitos como o filho do meu ventre, que velei dias e noites, que embalei no berço e na rêde, annos e annos, a quem contei tantas historias á noite até um de nós dois cabecear de somno, que conduzi á escola como meu companheiro, meu amiguinho, meu anjo da guarda na terra, então não é meu filho?

A MÃE

Elle é teu filhó... Mas, depois da morte do pae, eu me sinto tão agarrada a elle... A tristeza gerou em mim um sentimento que não conhecia nos tempos felizes. O filho nasce na dôr e o meu acaba de renascer para mim. Agora é tarde,

é amor de velha. E ainda assim, que não farei para pagar em ternuras os annos de esquecimento! Eu o quero commigo, sempre ao meu lado; quero que a sua existencia seja a minha, que elle sinta e comprehenda a força da minha affeição; no entanto, parece-me que lhe sou tão extranha que os meus soffrimentos não são os seus... Nestes seis mezes do nosso luto, em que me vejo desamparada, eu o quizera mais attento a mim... Eduardo já é um homem.

MILITINA

Para que o atormentar tão cedo?

A MÃE

Temos de salvar os nossos bens, de nos arranjar com os credores e de fazer juntos todo este trabalho da reconstrucção da nossa vida.

MILITINA

Os filhos pagam pelos paes... Que culpa tem Dudú 'desta afflicção a que chegaram?

A MÃE

Se ficámos nesta extremidade, foi pelo bem que praticámos. E tu sabes, Militina, que não me arrependo. Que casa foi mais hospitaleira que a nossa? Quem foi o pae da pobreza, o verdadeiro santo desta cidade? Elle nos deixou sem nada, mas só queria o nosso bem em acções que contam para Deus. E a sua memoria ainda é mais venerada do que se me tivesse deixado rica, com a lembrança do mal a me tor-

turar o coração. E ninguém podia imaginar que se fosse tão depressa. Eu só quero que o filho lhe siga os passos na vida. Porque, se assim não fosse, tudo seria uma grande desordem...

Ouvem-se cantos de Natal

MILITINA

Que triste Natal!

A MAE

Estes cantos me entristecem ainda mais. Quem diria no anno passado que estaríamos assim! Nós, tão alegres, de casa em casa, visitando os presepios, e talvez os mesmos cantos cantando á nossa porta. Tu vê, elles não param aqui. A tristeza os espanta.

As duas mulheres escutam os cantos, que se vão afastando.

MILITINA

Louvado seja o menino Jesus!

A MÃE

Deus proteja meu filho... Militina, vae chamar Eduardo.

MILITINA, desce ao jardim e chama.

Eduardo? Dudú? Meu filho?

A VOZ DE EDUARDO

Titina! Titina!

Eduardo, no esplendor da mocidade, apparece, e acariciando Militina :

— Ah! minha bruxa, ella vae vir, e eu estava a colher-lhe flôres.

Militina sorri, maravilhada.

A MÃE

Ouve, meu filho. D'aqui a pouco, virá o nosso credor por causa da hypotheca da casa, que se vence brevemente. Além do capital, temos amortizações e juros atrasados a pagar. Nada nos resta... Pensei em contrahir um emprestimo com alguns dos nossos derradeiros amigos e evitar talvez assim a catastrophe. Mas para isso é preciso empenhares o teu futuro. Tu és afinal o homem da casa, e a tua mocidade não é uma escusa.

EDUARDO

Minha mãe... Como quer que eu tome a mim tamanho encargo?

A MÃE

Oh! Eduardo! Então sou eu sósinha que devo tudo salvar? Eu, que estou mais para a morte do que para a vida?

EDUARDO

Para que falar com essa exaltação? A vida, oh! mamãe, não é triste! Eu sei que a nossa situação é aborrecida, mas para que nos occuparmos agora disso, quando ainda falta tanto tempo? Hoje, vespera de Natal! Oh! que vontade eu tive de ir cantando nesses bandos que passaram! A vida augmenta de belleza e cresce na alegria, minha mãe!

MILITINA

Vae, Dudú.

EDUARDO

Estou á espera de Almira, que passará por aqui, para que a vejam. Como deve estar linda, vestida de pastora! Aquelles cabellos negros cacheados, os olhos pretos e ardentes, a bocca rubra e risonha, o porte, a cabecinha erguida e altiva... Dize, Titina, se ha outra mais bonita.

MILITINA

Ella deve trazer sempre uma figa.

EDUARDO

Que tolice! Ninguem lhe fará mal, ella é minha, e eu quero realisar o nosso sonho, Militina.

MILITINA

Dudú não fará mais caso de mim.

EDUARDO

Eu? Quantas vezes não digo a Almira que te levariamos para a nossa casa, se não fosse mamãe ficar sósinha.

A MÃE, *continuando a examinar os papeis.*

Eu conto tão pouco...

EDUARDO

Oh! minha mãe! Tu, Militina, nos contarias as historias dos outros tempos; e como te faria bem viver na atmospheria do amor...

A MÃE

Aqui estão os títulos da hypotheca. É preciso que leias isto e vejas se ha meio de fazer qualquer proposta e de obter alguma concessão...

EDUARDO

Basta que você os tenha examinado. Deixemos essas cousas enfadonhas.

A MÃE

Attende, meu filho. Ha tempo para as outras cousas; agora pensa em mim.

EDUARDO

Eu penso, e por isso quero que você saiba quanto sou feliz. Esse amor profundo me encanta e exalta, e sou amado, mamãe. Esta manhã bem cedo andámos á beira do mar; Almira vinha do banho, gottejante, fresca e rosada. Em torno de nós tudo parecia entorpecido de somno. A bahia espreguiçava-se n'um grande repouso, e a luz do sol na alegria do nascer estendia-se de leve sobre as ondas mansas... A caricia que me vinha da voz de Almira e dos seus gestos lentos e brandos, era cheia de langor. Era um grande affecto meigo e sereno... Para que pensar em tristeza, mamãe, quando a vida é tão doce? Eu vi o sol illuminar o mundo, o vento refrescar a terra e o mar como um desejo de amor!

MILITINA

A vida nasce do mar...

A MÃE

E por isso devemos temer-a mais.

EDUARDO

Temer a vida seria temer o amor, porque viver é amar.
E será para mim uma tortura esperar...

A MÃE

Não te agonies, meu filho. É, se não te posso valer,
Deus ama os que se amam.

EDUARDO

Pôr Almira vencerei. Ella vae chegar, tudo se transformar-
á, e nós sahiremos enamorados, por esta noite de
Natal...

MILITINA

Eu velarei, esperando-te.

A MÃE

Nosso pobre Natal!

MILITINA

Mas sempre Natal; e ainda haverá doces para vocês,
meus filhos.

Militina entra na casa, a Mãe e Eduardo descem ao jardim.

A MÃE

Não ha mais Natal para nós, Eduardo.

EDUARDO

E' o mesmo e perpetuo renascimento no amor, e o proprio Deus é infante, porque elle é o amor, o fructo tenro do amor. Tudo é amor!

A MÃE

Ouvi um dia essa mesma voz...

EDUARDO

Não vê, mamãe, como tudo em volta de nós se confunde amorosamente? A luz se mistura aos cantos, os passaros ás arvores, as borboletas ás flôres... E' que a natureza toda é divina e indivisivel.

A MÃE

Esse sortilegio torna a desgraça infinita.

EDUARDO

Elle faz a natureza eterna revelar-se pelo amor. Foi aqui dentro desta luz bemfazeja, neste jardim, que Almira me appareceu e me encantou para sempre. Estas arvores, estas plantas foram as companheiras das nossas primeiras ternuras, e quando aqui repousamos maravilhados ou passamos unidos, ellas nos enlaçam com os seus ramos floridos. O nosso amor viverá. Este é o delicioso jardim do mysterio, e estas flôres que viram o amor, Almira vae offerecel-as ao menino Deus.

Eduardo e a Mãe vão pelo jardim apanhando as flôres, e desaparecem.

... Esté é o delicioso jardim do mysterio.

(Page 10.)



Malazarte, como um mytho florestal, surge dentre os bambús. Traz uma viola e um urubú atado ao pé por uma corrente. Malazarte vem até á varanda, e não vendo ninguem, bate com o cacête, chamando. Continuando tudo em silencio, elle volta para o jardim e deita-se n'um dos bancos meio occulto pela folhagem. O urubú fica pousado no encosto do banco, funebre, phantastico. Malazarte fecha os olhos e parece dormir.

Militina chega á varanda com um prato de comida, que vae pôr sobre a mesa, vê Malazarte, espanta-se e murmura inquieta :

Cruz, credo, este demonio por aqui (*chamando timidamente*) Malazarte! Malazarte!

Malazarte não responde, parecendo sempre dormir. Militina esconde os pratos no armario, vae buscar outros, sempre desconfiada, espreitando Malazarte. Este percebe tudo e continua a simular que dorme. Militina senta-se na varanda e prosegue o seu trabalho de renda.

O Credor, entrando pela porta do jardim, sem vér Malazarte. dirige-se a Militina :

Onde está a sua patrôa?

MILITINA

Ella está no jardim. Vou chamal-a. Faça o favor de entrar...

O Credor examina a casa com attenção e cupidez. A Mãe de Eduardo apparece apressada.

O CREDOR

Não me esperava?

A MÃE

Sim. Emquanto não chegava, dava uma volta pelo jardim...

O CREDOR

A terra aqui me parece boa. As arvores crescem bem e ha uma excellente exposiçãõ ao sol para as flôres... A horta ainda está como d'antes? Que horta e que pomar, um regalo!

A MÃE

Com os nossos pequenos recursos, pouco podemos fazer ; apenas conservamos o jardim. A horta que meu marido tanto zelava, já não é a mesma cousa ; o pomar está abandonado...

O CREDOR

Como? Que está me rezando ahi? Então deixaram tudo se devastar! E não sabiam que isto não lhes pertence?

A MÃE

Tudo isto ainda é nosso, podemos fazer o que nos apraz.

O CREDOR

E eu então? Quando se trata de conservar a propriedade, não se lembram de mim; mas quando me querem arrancar prorogações de prazos e outras chicanas, então é aquella choradeira, e eu sou um coração de ouro e o resto da ladainha... Ah! isto não vae mais assim!

A MÃE

Para que nos humilhar? A nossa pobreza não nos envergonha.

O CREDOR

E' isto mesmo... Quem deve ter vergonha, sou eu, de ter dinheiro para emprestar. Sou o agiota, o sovina, unhas de fome; mas em outro tempo, quando seu marido quiz dinheiro e me propoz este embrulho, eu era o salvador, a providencia. São todos da mesma fazenda.

A MÃE

Queira respeitar a memoria de meu marido.

Eduardo, trazendo flôres, entra seguido de Militina.

EDUARDO

Militina, estas flôres com o calor vão morrer, e seria uma grande tristeza. Põe-nas em um jarro d'agua.

MILITINA

Para que tanta flôr?

EDUARDO

Para a pastora Almira offerecer esta noite ao menino Jesus.

O CREDOR

Não vim aqui para tratar de flôres nem de meninos Jesus... Querem me embrulhar, não ha duvida. Desta vez não admitto mystificações. De hoje a dois mezes vence-se o prazo da hypotheca, e eu preciso saber se posso contar com o dinheiro, sem um real de menos. E' o meu direito.

EDUARDO

Ainda falta tanto tempo!

O CREDOR

Esta agora é fresca. Então, a sessenta dias do prazo de uma divida, velha de cinco annos, o credor não sabe se póde ou não contar com o seu dinheiro? E esta!

A MÃE

Tenha paciencia, nós temos as melhores intenções...

O CREDOR

Boas intenções! Olhem o inferno! Deixemos de discussão inutil. Paga ou não paga no prazo?

A MÃE

Não sei ainda. Vou tentar um emprestimo com alguns amigos...

O CREDOR

Não faltava mais nada. Amigos nesta época! Ora, amigos!

A MÃE

E se não fôr possivel, cumpra-se a vontade de Deus.

O Credor não dá mais attenção; continúa a examinar a casa.

EDUARDO, que estava absorto e alheio á discussão.

Não ouvi hoje cantar o canario.

A MÃE

Oh! Eduardo!

EDUARDO

Parece triste, e Almira vae ficar inconsolavel, se elle não cantar mais.

O CREDOR, *examinando a casa.*

Não sei mesmo se vale a divida. Vinte contos de capital, doze por cento de juros ao anno, amortizações, juros atrazados, vae tudo em quarenta contos, e isto não me parece valer tanto, talvez só a metade; estou roubado.

A MÃE, *a Eduardo.*

Minha casa, a primeira, a unica da minha vida de casada, vendida, em mãos de outros! Ser expulsa deste lar, onde foi toda a minha felicidade. Este tecto, estas paredes, estes aposentos são reliquias de outros tempos, consolo da minha solidão. Tudo aqui me fala do passado... Entrei noiva por uma noite tão bella; aqui nasceste e cresceste, meu filho. Pensei ser o meu tumulo, onde foi o meu paraíso. Teu pae morreu na casa que fundou, ao passo que eu serei corrida deste canto da terra, separada das minhas lembranças, errante, miseravel (*ao credor*). Tenha piedade, deixe-me este lar! Longe de tudo, onde amei, vivi, soffri, longe destas arvores plantadas pelas nossas mãos descuidadas e amorosas, que será de mim?

Ouvem-se cantos de Natal. Silencio na casa e no jardim.

A MÃE

Pela grande noite de hoje, piedade!

O CREDOR

Estragaram-me o pomar, tudo destruido, como se lhes pertencesse; não se lembraram de mim, que afinal sou o dono verdadeiro, e agora lagrimas, choradeira...

Vae pelo jardim, bisbilhotando tudo; a Mãe o acompanha implorando. Eduardo, um pouco abstracto, isola-se, dá umas voltas pelo jardim. Ouve-se a voz de Malazarte.

MALAZARTE, *fingindo accorlar.*

Não ha nada que se coma?

EDUARDO

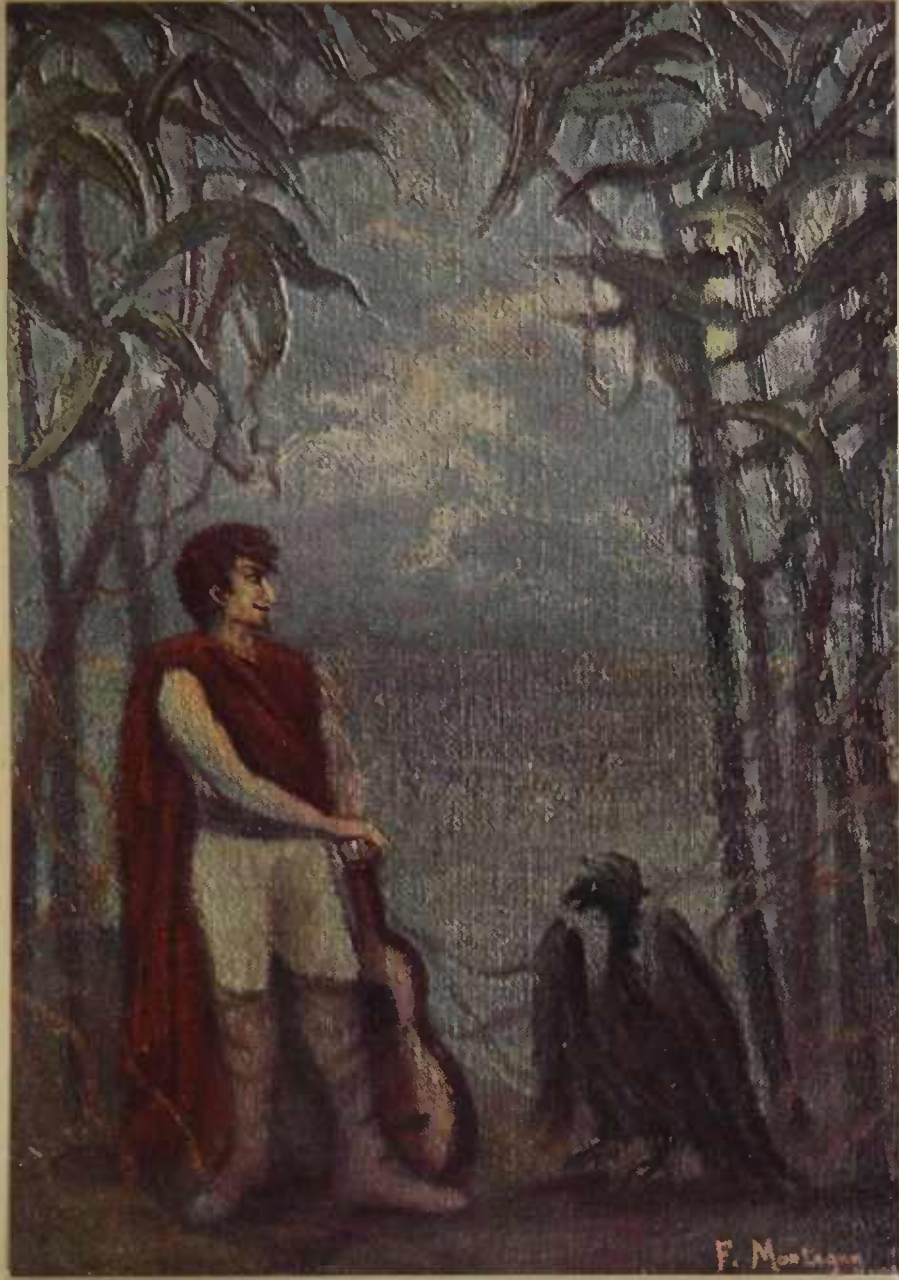
Malazarte! Que foi feito de ti?

MALAZARTE

Vogando por este mundo a dentro... Venho do sertão. Depois que pela ultima vez estive aqui, encontrei uns boia-deiros, que me propuzeram ir com elles lá para as chapadas, e como nada me prende, fui, andei pastoreando o gado. Sol de rachar! E que pastarias sem fim! Sempre a cavallo, puxando a boiada de restinga em restinga, de açude em açude, quando era secca, e de tezo em tezo quando era tempo de chuva. Vida como esta, nem de frade! Desde a noitinha a viola cantava e dansava-se debaixo das ramadas. Mulher era fartura por aquellas bandas, e bem feitas e sacudidas.

... Vogando por este mundo a dentro.

(Page 16.)



Quantas não levei á garupa do meu cavallo pelo sertão grande! E se algum cabra, por ciume ou damnação, queria batalhar commigo, encontrava homem. Deixei muitos estirados no campo; a ponta da minha pajehú bebeu muito sangue... Cançado de batalhar com o gado, embrenhei-me na matta a derrubar madeira. Não houve jequitibá, nem aroeira, nem pau d'arco que me resistisse. Ah! que gosto vêr uma arvore bruta, um pau de respeito cahir ao peso do machado! Eu parecia um raio rachando aquelles gigantes de meio a meio, e depois arrastava-se a madeira até ao rio. E sobre esses paus, sobre essas arvores feitas balsas, pelas aguas a baixo, eu vinha cantando...

EDUARDO

Malazarte, tu és um destruidor!

MALAZARTE

Que importa destruir, se tudo renasce e não se acaba, nem pelo fogo, nem pela agua. Olha, eu vi no sertão uma secca terrivel, o sol tinha chupado todos os rios, todas lagôas e poças, o gado e a gente não tinham o que beber, o povo andava amedrontado e rezava pedindo misericordia... Um bello dia, desabou uma chuva, e que chuva! Foi um diluvio, os rios transbordaram, os campos alagaram, os açudes rebentaram, e o povo implorou de novo misericordia... Tudo isto não é pavor de creança? Porque este temor, se tudo vem e vae, se tudo nasce e morre, tudo morre e nasce? A minha existencia não tem proposito nem fim. Andei peregrinando por estes mundos... Subi ao alto das

montanhas para matar o gavião no ninho, cacei nas florestas a anta, desci ao fundo das minas para arrancar o ouro, dormi ao relento na face da terra, no sertão das onças contei as estrellas do céu, e sempre caminhando, sempre mudando, fiz a volta de todas as cousas, e aqui estou de novo... Basta de conversa fiada, minha gente... Não ha o que comer?

EDUARDO, *chamando.*

Militina? Militina? (*Militina apparece á varanda.*) Malazarte voltou e quer comer.

A Mãe e o Credor vêm chegando do fundo do iardim.

MILITINA

Não ha nada.

MALAZARTE

Está bom... Então vamos por ahi afóra caçar de comer. (*Simula partir, segura o pé do urubú que grasna.*) Que é que estás dizendo, guloso? E' mentira tua. Militina já disse que não ha nada. Paciencia, meu negro. Vamos para adeante, vagando, a vêr se apanhamos qualquer cousa.

O CREDOR, *curioso e intrigado.*

Como? Urubú fala?

MALAZARTE

Este não só fala, como adivinha o que está mais escondido.

O CREDOR, *desconfiado.*

Se fala e adivinha, que lhe disse elle?

MALAZARTE

Vá lá... Não creio... porque, quando se trata de comida, este urubú é tão guloso que chega a mentir. Tu vaes ser apanhado, moleque... Elle disse que naquelle armario ha um prato de carne e muita farinha escondida.

O CREDOR, *a Militina*

E'verdade?

MILITINA, *fazendo uma cruz com os dedos e cuspiendo.*

Cruz, credo, capeta!

O CREDOR

E'verdade?

MILITINA

E'... sim senhor... T'arrenego, urubú do inferno.

EDUARDO

Dá alguma cousa a Malazarte e ao urubú que adivinha...

*Militina sáe resmungando.*O CREDOR, *maravilhado.*

Que prodigio! Onde descobriu essa preciosidade?

MALAZARTE

Numa batida de onça... Eu vinha seguindo o rasto de uma pintada, quando dei com a bicha já morta e sobre ella fazendo carniça um bando de urubús. Fiquei damnado de ter perdido meu tempo e disparei a arma.

O CREDOR

Sobre os urubús?

MALAZARTE

Não, porque urubú não se mata... Só para espantar... Os bichos remontaram para o céu, e só ficou um, que me olhava com olhos tão compridos e tão tristes e fazendo uma cara de metter pena... Cheguei-me a elle, e o bicho, coitadinho, me deu o pé...

O CREDOR

Como papagaio...

MALAZARTE

... me deu o pé e eu fui trazendo-o desta maneira pelo caminho; quando cançava, largava o urubú, que vinha voando, acompanhando-me. Assim andámos dias e noites, atravessámos mattas, campos, rios e alagadiços; o urubú sempre junto, calado, agourento.

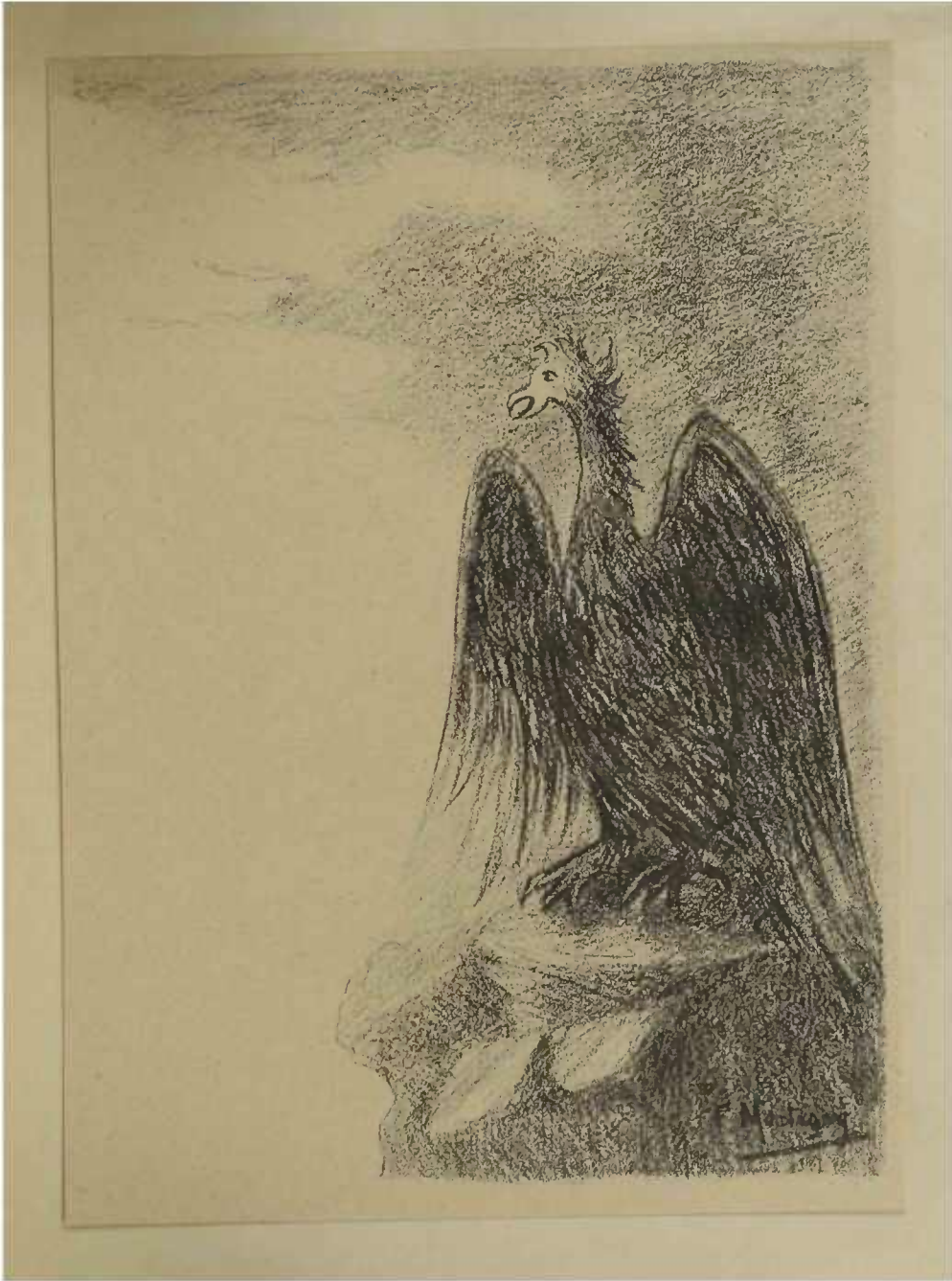
O CREDOR, *enternecido*.

Coitado! Talvez seja encantado.

MALAZARTE

Eu acredito. Mas elle é muito reservado a este respeito, não diz palavra... Quando havia de comer, repartiamos; quando não havia, jejuavamos como camaradas de desgraça... E fui notando o que elle ia resmungando na sua linguagem, e em pouco tempo aprendi-lhe o segredo. Tem-me servido de muito; nunca mais me faltou nada, porque

... O urubù calado, agourento.
(Page 20.)



este urubú sabe de historias e de cousas do arco da velha. As aves negras têm partes com o diabo... Hein! rapaz? estás ouvindo? Olhem só esta cara!

MILITINA, *trazendo um prato de comida.*

Aqui tem carne e farinha.

MALAZARTE, *ao urubú.*

Vamos á boia, camarada. *(Come.)*

EDUARDO

Sem vergonha...

MALAZARTE, *ao urubú.*

Que é, meu negro? Cala este bico. Basta o que já nos deram. *(O urubú grasna.)*

O CREDOR

Que diz elle?... Que diz elle?

MALAZARTE

Elle está dizendo que nós não podemos acabar o jantar sem doce, e que naquelle armario ha um bolo...

MILITINA

Agouro do inferno!

A MÃE

Dá logo tudo.

MILITINA

Não faltava mais nada... *(Sde indignada.)*

O CREDOR

Mas este bicho é um thesouro... Quer vendel-o?

MALAZARTE

Ninguem lhe dá o preço, e quem possuir esta joia, tem a fortuna feita. Como já lhes contei, não preciso trabalhar para comer. Elle descobre tudo, as cousas mais escondidas, até dinheiro...

O CREDOR

Dinheiro? Oh! quanto quer pelo urubú?...

MALAZARTE

Uma feita, nós iamos pela rua, quando elle começou a me falar na sua lingua; eu não dei attenção e fui andando. O urubú, que tem um genio do diabo, ficou bravo e entrou a me picar feio e forte... Parei e elle me disse : Levanta essa pedra, que ahi tem dinheiro escondido. Arranquei a pedra, era verdade : achei uma porção de moedinhas de ouro, douradinhas como estrellas. (*Mostra uma moeda.*) Aqui tem uma.

O CREDOR

Ouro estrangeiro, que não se encontra aqui; devia ser um thesouro. Diga quanto quer pelo bicho, abra preço...

MALAZARTE

Não se vende. (*Cantarolando.*)

Urubú chenchem!

Que faz ganhar vintem...

O CREDOR

Duzentos mil réis...

MALAZARTE

Nem um conto de réis...

O CREDOR, *ao urubú.*

Urubú real,
Para Portugal
Quem passa, meu louro?

MALAZARTE

Urubú não é papagaio... A carne acabou, a farinha ficou.
Mais carne!

MILITINA

Desafôro...

A MÃE

Ora, Militina, dá... (*Militina entra na casa.*)O CREDOR, *a Malazarte.*

Mas, como se comprehende o que elle diz?

MALAZARTE

Isto, meu amigo, é meu segredo.

MILITINA, *trazendo comida.*

Aqui tem mais carne.

MALAZARTE

Agora a farinha acabou, mais farinha para a carne que ficou.

O CREDOR

Quatrocentos mil réis...

MALAZARTE

Voscemecê tem muita vontade no passarinho, está se vendo... mas quatrocentos mil réis é pouco dinheiro na verdade.

O CREDOR

Quinhentos e á vista.

MALAZARTE

Emfim, eu largo para lhe fazer gosto... desde que bate o cobre.

O CREDOR

Aqui o tem... (*Entrega o dinheiro.*)

MALAZARTE

Trate bem do meu camarada, elle tem um genio damnado, ás vezes embirra em não querer falar, não se lhe arranca uma palavra christã. Se, porém, daqui a um mez elle não dér de lingua, ha um remedio... Voscemecê é casado?

O CREDOR

Sou... E porque?

MALAZARTE

Se este urubú, que é muito seu, não falar, sua mulher que molhe a cabeça delle, como ella sabe... Eu appareço um dia destes para lhes ensinar a linguagem dos urubús...

O CREDOR, *com o urubú na mão.*

Como minha mulher vae ficar contente com esta raridade, com esta extranha maravilha... Adeus... (*Ao partir, volta-se para Eduardo e a Mãe.*) Já sabem as minhas condições. Não cedo nada. Commigo ninguem brinca... Ninguem me embaça. (*Sáe triumphante.*)

EDUARDO, *a Malazarte.*

Onde apanhaste aquelle urubú e aquella moeda, patife?

MALAZARTE

O urubú, apanhei-o ainda ha pouco na praia. Eu estava sem um vintem, então fui caçar urubú para ganhar dez mil réis no matadouro... E fui tão feliz que apanhei esse... Quando vinha pelo cáes, encontrei uns marinheiros inglezes, que me circumdaram e arremetteram de socco... Eu respondi com uma rasteira... E foi *godam* para aqui, cabeçada para alli. Afinal fizemos as pazes e entrámos a beber numa venda... jogámos dados e eu ganhei aos *beefs* a moeda de ouro...

A MÃE

Deus te perdôe, Malazarte. (*Retira-se acompanhada de Eduardo.*)

Malazarte, só, conla enthusiasmado o dinheiro e bebe de uma garrafa que trazia escondida no bolso.

PHILOMENA, *entrando pela porta do jardim.*

Malazarte! Oh! meu rapaz!

MALAZARTE

A Philoca! Tão catita sempre, tão seductora, tão cheirosa!

PHILOMENA

Pensei que já tinhas ido para o outro mundo... Nunca mais deste signal de vida...

MALAZARTE

Muitas saudades minhas?

PHILOMENA

Pudéra não. Tu eras a nossa alegria, a nossa alma, ninguém te eguala na dansa e na viola. Quem puxa um desafio como tu? E sempre rei da vida! Toda esta rapaziada por aqui é mofina, ninguém te vale. Quando me lembro do que tu és, todo meu corpo estremece. Depois que te foste, tudo ficou tão triste... As nossas festas parecem enterros, é como se fossem velorios. Vem connosco esta noite, vamos por ahi cantando um reisado, de presepio em presepio, e acabemos por dansar um samba ao batuque do tambor...

MALAZARTE, *querendo abraçal-a.*

Vamos... e depois do samba...

PHILOMENA, *desviando-se.*

Ouve, meu velho, eu vim encontrar-me com o meu noivo... De verdade, eu vou me casar...

MALAZARTE

Casar? E esta! Quem é o pamonha?

PHILOMENA

O filho da velha Militina.

MALAZARTE

Raymundo? Só mesmo esse pascacio. E porque tu, uma rapariga livre e fresca, vaes te casar?

PHILOMENA

Porque é a moda. Anda por aqui um bando de frades a casarem a torto e a direito. Raymundo me arrastava a aza e, como eu sempre o tive no secco, vae um dia elle me propõe esse casorio. Porque não?

MALAZARTE

E nós então?

PHILOMENA

Como d'antes, atrevido... Quem não póde, não inventa modas... Isto de casamento triste como de gente graúda não é commigo : a arraia miuda deve continuar na sua liberdade.

MALAZARTE

Como tu és sabida, minha Philó!

PHILOMENA

Eu sou como tu, como os nossos, comer, beber, amar. E tudo é bello!

MALAZARTE

Dá-me este cheiro do matto, das plantas e das flôres queimadas pelo sol, e que tu espalhas dando o desejo e o amor... N'esta noite verêi de novo este corpo dansar; basta que tu andes, já é a dansa...

PHILOMENA *ri, inebriada.*

Malazarte!

MALAZARTE

O teu riso abre o coração... Que saudades desse riso lá na matta!...

PHILOMENA

Toca as cantigas do sertão.

MALAZARTE

E tu, dansa, Philoca!

*Malazarte toca e Philomena dansa.*RAYMUNDO, *entrando pela porta do jardim, olha-os um instante.*

Bravo, Philomena! Bravo, Malazarte!

MALAZARTE

Viva!

RAYMUNDO

Que fim levaste?

MALAZARTE

Dei a volta das cousas e aqui estou.

PHILOMENA

Malazarte vae comnosco esta noite, e como elle não tem
egual na viola, nem no canto o nosso reisado será o pri-
meiro.

RAYMUNDO

Será uma noite cheia... E depois, de manhãzinha, vou á
pesca, porque peixe anda em cardume por ahi...

MALAZARTE

Tu sempre na pesca?

RAYMUNDO

Não queres vir commigo?

MALAZARTE

Depois de tanto tempo de matto, tenho vontade do mar.

RAYMUNDO

Está feito. Tu tocas a viola para chamar o peixe.

PHILOMENA, *supersticiosa.*

E a sereia canta para apanhar os pescadores... Tenho
medo de pescaria em noite de Natal. Nesta noite de alegria,
em que tudo renasce, matar os pobres peixes que tambem
são creaturas de Deus...

RAYMUNDO

Pareces minha mãe com as tuas abusões... E eu aqui a
perlengar, esquecendo a velha...

Entra na casa...

PHILOMENA

Malazarte, não te mettas em pescaria em noite de Natal!
Nosso Senhor vae nascer e vocês vão matar...

MALAZARTE

Tu tens medo de matar? Que me importa a morte? Vida e morte, para mim tudo é o mesmo. Olha, a noite está chegando; n'uma noite como esta, eu pensei em ti, eu te desejei lá no sertão... (*Estreita Philomena nos braços e a beija.*)

Ouvem-se cantos de Reis, que se approximam da casa.

PHILOMENA

São elles! Vamos. Raymundo? Mundico?

RAYMUNDO, *vindo da casa.*

Vamos.

Malazarte arrebatada Philomena e saem n'um immenso enthusiasmo. Raymundo segue-os.

No alto da varanda Eduardo e Militina os vêem partir Os cantos vão cessando ao longe.

EDUARDO

Oh! alegria!

MILITINA

Alegria atrevida, que não respeita a tristeza desta casa. Tudo vem desse maldito Malazarte. E lá foi elle carregando Philomena, e o meu pobre Raymundo, embeijado por esta ventoinha, atraz dos dois como um carneiro. Em toda a parte sopra este espirito mau; se não é o proprio capeta,

... Malazarte é a vida esplendida.

(Page 31.)



tem partes com elle. Ninguem sabe de onde veiu; um bello dia appareceu por aqui, fazendo todos os officios, mettendosse em todas as casas, e cheio desta alegria infernal que se não acaba nunca. Dudú, Deus Nosso Senhor não ama gente que não tem a sua hora de tristeza e não chora. E esse demonio ri a todo o instante, dansa, canta, mente, furta, seduz as mulheres, enfeitiça todo mundo. Não é o proprio demonio, que veiu para nos tentar?

EDUARDO, *sorrindo.*

O demonio? E'a vida, a força, o entusiasmo, Militina... Vocês vivem no valle de lagrimas e não perdôam a alegria. Malazarte é a vida esplendida, é uma expressão maravilhosa da propria natureza, nas suas transformações infinitas : hontem sol, arvore, mar, vento, leão, e hoje homem...

MILITINA

Até tu, Eduardo! Não disse que é feitiço que pegou em toda a gente?... Menos em mim, com a graça de Deus. (*benze-se*) Quando eu te juro que Malazarte é o diabo, é porque já tive uma visão. Tu ris? Uma noitinha, eu estava rezando sentada na minha rêde e apenas com a luz da lamparina deante de Nossa Senhora, quando vi o diabo, que vinha caminhando para mim com pés de pato e olhos de fogo, e fazendo caretas para me aterrar... Continuei a rezar, e elle foi chegando, e quando esbarrou com o santo terço, deu um estouro; nisto eu ouço uma gargalhada : o diabo tinha desaparecido e deante de mim estava Malazarte a me arrancar o rosario... Então?

EDUARDO

Como o terror faz inventar histórias! Melhor que essa, eram as outras tão bellas, que me contavas quando eu era pequenino, á noitinha mesmo, para me adormecer.

MILITINA

Naquelle tempo tudo aqui era tranquillo. Com que devoção rezavas na tua caminha, com medo dos encantados, dos genios e dos lobishomens!

EDUARDO

Que medo, e que nunca mais me deixou de todo! Tudo ainda rola na minha cabeça. As historias que me contaste, Militina, não se apagaram ainda, estão frescas como me chegaram á imaginação de creança... Nellas está toda a minha meninice... Foste tu, minha mãesinha, que me createste a imaginação, e eu te devo esta maravilha que cada um de nós tem no fundo da alma e vae carregando como um thesouro pelo tempo adeante. Foste tu que me fizeste vêr os encantos dos jardins de Bagdad; tu me mostraste as grutas, as pedras preciosas, as moradas dos genios; tu me déste a lampada de Aladim, e o Oriente fabuloso passou aos meus olhos como uma phantasia. Nos teus contos recolhi a alma antiga, assisti aos combates dos cavalleiros, batalhei ao flanco de Roldão e chorei dos tristes amores de Isolda. Ah! Militina, como tu me encantaste a infancia! Tudo o que aprendi depois, não vale as fabulas com que encheste a minha cabecinha de creança. São ellas, grandes, famosas ou humildes, quasi ignoradas, as gera-

... A maravilha que cada um tem no fundo da alma.

(Page 32.)



doras do meu espirito, e não o que recebi depois, tão arido e triste. Oh! entranhada e longinqua poesia da raça! Como me sinto nos outros tempos, quando escuto dentro de mim a melancolia do mar e do destino que se canta na *Náo Catharineta*.

MILITINA, *cantando*.

Acima, acima, gageiro,
Acima, ao tope real,
Olha se enxergas Hespanha,
Areias de Portugal!

EDUARDO

E a alma das nossas florestas que me revelaste... O currupira tenebroso, diabolico, terrivel, astuto e mysterioso, eu o sinto dentro de mim como a divindade das mattas, e elle me apavora... E o triste carão que chora por não mudar as pennas, perpetuamente as mesmas... E a pelle do jurupary, que n'uma fome atroz devora faminta o proprio corpo que ella reveste... A propria vegetação chora nesses contos, os cabellos se mudam em plantas que se lamentam...

MILITINA

Jardineiro de meu pae,
Não me cortes os cabellos,
Minha mãe me penteiou,
Minha madrasta me enterrou...
Chô, chô, passarinho!

EDUARDO

Porque todos esses cantos do povo são tristes?

MILITINA

Porque vêm do coração.

EDUARDO

E' o longo sofrimento. O canto acompanha sempre a vida.

MILITINA

O diamante tambem é uma lagrima! (*No portão apparece Almira, que Militina vê.*) Para ti, tudo é differente, meu filho; tu tens o Amor...

ALMIRA, *radiante, vestida de pastora para as festas do Natal.*

Que amores são esses?

EDUARDO

Oh! minha pastora!

MILITINA

Benza-te o menino Jesus.

ALMIRA

Toda a gente está tão alegre nas ruas, e eu só ouvi me chamar bella pastorinha!

EDUARDO

Faceira!

MILITINA

Como vocês são felizes, meus filhos!

ALMIRA

E porque não esta velhinha querida, que nos conta tão bellas historias?

EDUARDO

Nós recordavamos as historias...

ALMIRA

Militina, minha velha feiticeira, conta uma historia; eu fico quietinha...

MILITINA

A noite ainda não está fechada. Não se conta historia de dia. Não quero criar rabo...

ALMIRA

Que tolices! Má! Que estavas contando a Dudú?

MILITINA

Não era nenhuma historia : falavamos de encantamentos... Mas vocês estão muito sabidos, não acreditam em mais nada, pensam que tudo é um punhado de mentiras...

ALMIRA

Eu acredito em encantados. Ah! se eu encontrasse uma fada...

EDUARDO

Que lhe pedirias?

ALMIRA

A sua varinha de condão para ter de repente uma casinha cheia de passaros, uma fonte, muita arvore, muita flôr e muita fructa...

EDUARDO

Para que?

ALMIRA

Que tolo! Para nos casarmos hoje mesmo...

MILITINA

Essas fadas foram-se... Só resta a mãe d'agua.

ALMIRA

A mãe d'agua! E'verdãde, Dudú?

EDUARDO

Quando eu era pequeno, eu a vi muitas vezes a esta hora, sentada á beira do poço. Depois nunca mais a vi.

MILITINA

Ella anda por ahi... E tomem tento, que é traiçoeira... A's vezes canta : tapem os ouvidos e fujam, é o canto da sereia que attráe os marinheiros e faz perder os barcos... Mãe d'agua gosta de amor de homem, e quantos ella não tem carregado para o fundo do poço! Ella é traiçoeira, eu estou dizendo, e quem lhe ouviu o canto ou lhe viu os olhos, está enfeitado e perdido de amores. Basta, meus filhos, já tagarellei muito, vou rezar. (*Ella sobe á varanda e, fitando*

... Eu a vi muitas vezes a esta hora, sentada á beira do poço.

(Page 36.)



Eduardo e Almira que estão silenciosos e scismando, murmura) : Amor, Amor, que melancolia!

Militina illumina um presepio que está na varanda. Sobre a mangedoura descem os raios da estrella do Oriente.

ALMIRA

E'a esta hora que a mãe d'agua apparece?

EDUARDO

Era... Mas ha muito que ella não vem...

ALMIRA

Quem sabe se não voltará um dia? Era bella, muito bella mesmo, a que tu vias?

EDUARDO

Oh! muito. Toda dourada, os cabellos immensos envolviam-lhe o corpo, os olhos eram verdes...

ALMIRA

Da côr do mar...

EDUARDO

... a pelle muito alva... Ella se penteiava com um pente de ouro, e as gottas d'agua desciam-lhe sobre o corpo...

ALMIRA

Como diamantes...

EDUARDO

... e o sol já morrendo as bebia soffrego...

ALMIRA

Eu quizera ser a mãe d'agua...

EDUARDO

Para que? Uma visão!

ALMIRA

Para me amares mais...

EDUARDO

Amo-te como és. O teu amor me sustenta e encanta. Como tu és cada dia mais linda! Almira, nesta hora em que tudo em volta de nós se abranda, tudo serena, em que a crueldade da natureza se attenúa, os teus traços se illuminam, a tua fôrma se espiritualisa. Tu annuncias em mim a vida nova.

ALMIRA

Oh! Eduardo, como te amo!

EDUARDO

Eu só quero a tua meiguice, a tua voz... Daqui a pouco cantarás para mim deante do presepio...

ALMIRA

Eu cantarei te amando, eu dansarei te olhando... Não é hora de partir?

EDUARDO

Vamos. A noite vem vindo, e que noite! Iremos e voltaremos por ella muito unidos. (*Abraçam-se estreitamente.*)

ALMIRA

E as minhas flôres para o menino Deus?

EDUARDO

Vou buscal-as.

Eduardo entra na casa para buscar as flôres. Almira fica só, scisma, e depois de alguma hesitação vae até á beira do poço e fita-o no fundo, absorta.

EDUARDO

Almira, aqui estão as tuas flôres... Que estás a vêr?

ALMIRA

Como é fundo este poço! A agua lá em baixo é pura como um espelho. (*Eduardo se aproxima e olha. Almira envia beijos ás sombras que elles vêem nagua do poço.*) As nossas imagens ficam tão grandes e os beijos que te envio, parecem sem fim...

EDUARDO

E'a miragem, que tudo engrandece...

ALMIRA

Eu gosto de nos vêr no espelho da agua, abraçados assim e beijando-nos. (*Beijam-se, voltados para a bocca do poço.*) O nosso amor cresce ainda mais...

EDUARDO

Elle é immortal!

ALMIRA

Vêr o proprio amor augmenta-lhe a doçura e faz estremecer... E no fundo sombrio do poço, que mysterios!

EDUARDO

A agua do poço só reflecte o céu... O céu nos envolve de todos os lados...

ALMIRA

Assim as nossas imagens se reflectem no céu, enlaçando-se. (*Eduardo atira uma flôr dentro do poço.*)

EDUARDO

Esta flôr é para a Almira do céu.

ALMIRA

E a Almira do céu te retribue assim. (*Beija-o ardentemente.*)

EDUARDO

Vou encher a tua cesta de flôres. (*Almira fica mirando o poço.*)

ALMIRA, *falando, como em sonho.*

Quem me déra ser a mãe d'agua, para morar na agua que é o espelho do céu! Lá no fundo está o seu palacio de crystal...

EDUARDO

Aqui estão as flôres... mas a cesta não ficou bem cheia... Felizmente, ha ainda muita rosa no jardim. (*Vae, apanhando flôres.*)

... Eu te dou as minhas flôres para que tu cantes.

(Page 41.)



ALMIRA

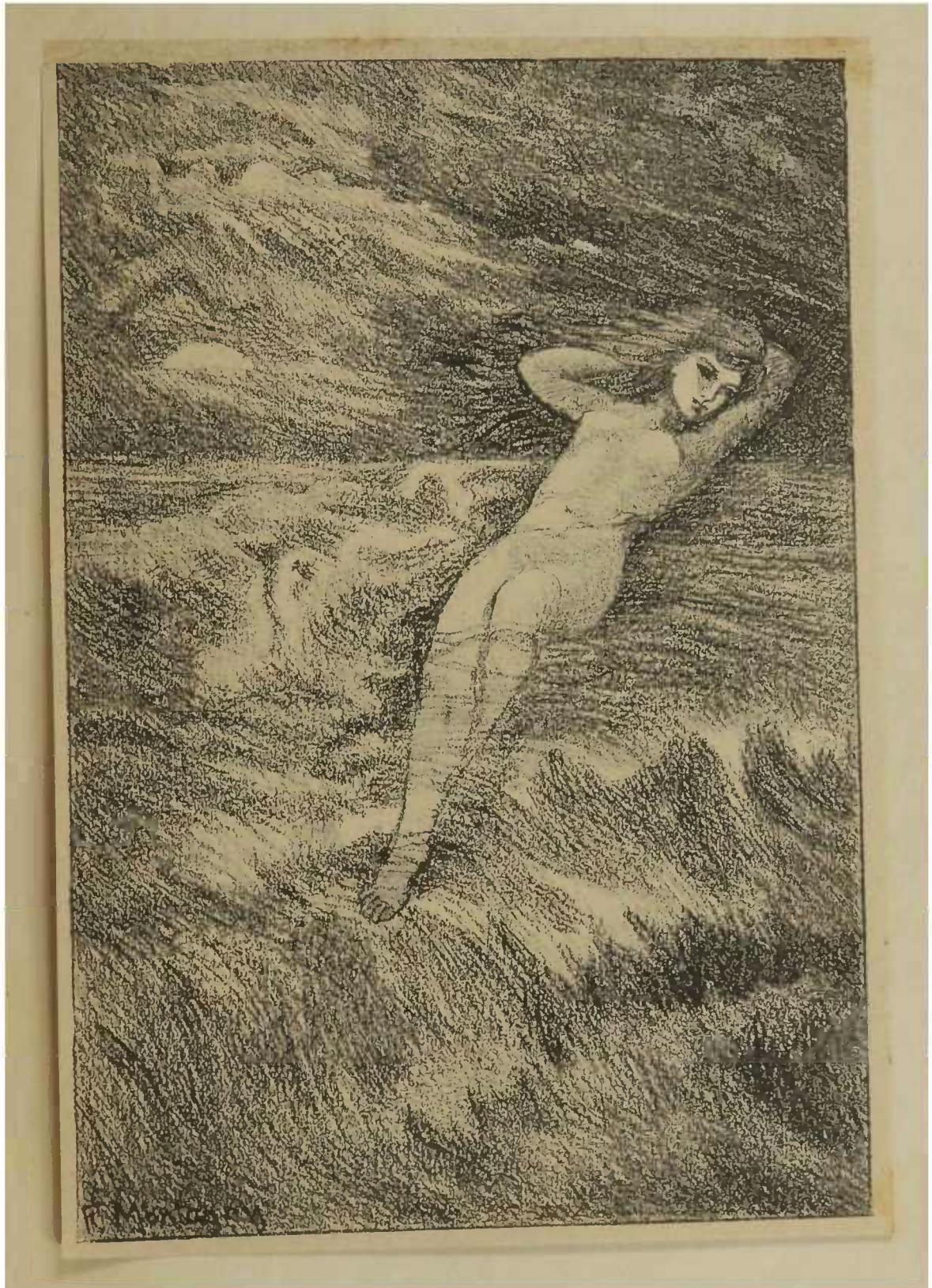
E a mãe d'agua não vem... E hoje eu quizera que ella viesse, porque estás commigo. Que ciume não teria de me vêr nos teus braços! Dudú, se ella ama tanto, porque dá a morte no amor? O amor não é a vida? E porque o amor e a morte são inseparaveis? (*Eduardo desaparece no jardim. Almira põe-se em pé sobre a borda do poço, possuida de um encanto magico.*) Oh! mãe d'agua, canta. Eu te dou as minhas flôres para que tu cantes; eu quero essa voz de sedução infinita, que repetirei ao meu amado, e elle será eternamente meu. Ensina-me o teu segredo... Toma esta rosa, mais esta... Vem... vem... eu te desejo ardentemente; oh! tu que és invencivel no amor, eu quero o teu sorriso. Canta... Dá-me o teu mysterio, mãe d'agua... Ah! eu te vejo... Emfim! Eduardo! Ella sobe n'agua... ella me sorri... ella me chama...

Almira, attrahida pelo mysteria, desaparece no poço. Eduardo vem do fundo do jardim carregado de flôres e vê á beira do poço a mãe d'agua, que lhe sorri.



SEGUNDO ACTO. *Frontespicio.*

(Page 43.)





SEGUNDO ACTO

N'uma sombria sala de visitas, Eduardo está só. Alguns instantes depois, sua mãe, vestida para sahir, vem do interior da casa. Ella pára deante da mesa onde, n'uma gaiola, jaz morto o canario de Almira.

EDUARDO

Morto tambem! Tudo é morto...

A MÃE

Andava tão triste...

EDUARDO

Entristeceu no dia de Natal, mas um pouco antes de nós...

A MÃE

A morte dá aviso... Só nós não entendemos.

EDUARDO

Estamos tão distantes da natureza que caminhamos como cegos e surdos.

A MÃE

E' assim a fatalidade nos surpreendeu! Nenhum dos tres que restavam nesta casa, foi poupado!

EDUARDO

Onde está Militina?

A MÃE

Foi á igreja pôr uma vela por alma do filho. Vou ao seu encontro.

EDUARDO

Porque a deixou sahir só?

A MÃE

Por alguns momentos não ha perigo. E inoffensiva... Mettida na sua dôr, não vê o mundo, e ninguem lhe faz mal; todos a conhecem.

EDUARDO

Ella está louca, e a loucura mette medo. Minha pobre Militina! E sempre as mesmas allucinações, a visão persistente e horrivel do filho afogado n'aquella fatidica pescaria! Tivemos o mesmo Natal.

A MÃE

Militina accusa Malazarte da morte de Raymundo.

EDUARDO

Nó emtanto, foi o acaso. A canôa virou, e os dois tiveram de lutar com as ondas. Raymundo perdeu as forças e se afogou. E'a historia tragica e simples dos pescadores. O mar é um espanto. Malazarte venceu as ondas.

A MÃE

E a triste Militina enlouqueceu...

EDUARDO

A sua loucura vem do pavor continuo e implacavel que cada um de nós procura esconder e disfarçar. A loucura nos circumda a vida, espreita-nos a menor imprevidencia, a mais ligeira desatenção. Precisamos de uma energia immensa e de uma astucia formidavel para nos defendermos; a mesquinha e fragil velhinha não teve forças para esse combate, e succumbiu.

A Mãe fica silenciosa. Eduardo põe sobre um ramo de flôres o passarinho morto.

A MÃE

São as flôres para a sepultura de Almira?

EDUARDO

São; vou leval-as á tarde, e o canario vae como uma flôr morta neste tumulto de flôres... Elle tem a côr do sol : era a

lembrança radiante que nos restava de Almira. Tudo morre vertiginosamente. É uma corrida phantastica para a morte. No entanto, tudo se transforma, e essas pennas douradas vão se mudar em palhetas de luz, como o canto se misturou á vibração sonora do universo... Almira também tornou-se immortal nas expressões da natureza, na luz, na côr, no som, nas fórmãs ethereas; mas eu quizera que ella fosse sempre a minha Almira, a companheira da minha alma, o desejo deste meu ser. E ella não me voltará mais! Que importa que esteja transmudada em cousas eternas, mas sem a nossa carne, sem o nosso coração, e por isso distantes, longinquas e aborrecidas! A natureza é poderosa, é a força que destróe, que separa, que transforma, mas que não restitue... Eu a odeio...

A MÃE

Refugia te em Deus, meu filho!

EDUARDO

Deus ou natureza é a mesma cousa : a dôr me separou de ambos e de todos os outros seres. Eu vejo cada um de nós num angustioso isolamento. Viver é tremer e nada é mais tragico do que a não conformidade com as outras cousas. Tudo se me torna extranho e hostile.

A MÃE

Eu não te quero ser extranha e hostile.

EDUARDO

Oh! mamãe, tu és a illusão que me resta, de que sou ligado á vida realmente e não como eu imagino ás vezes.

A MÃE

Meu filho, vive dentro dessa realidade tangível e estreita que é o teu destino, e não nessas imaginações em que te agitas. Vive das tradições da tua terra e realiza no futuro os sonhos e as esperanças da tua raça; fica ao meu lado, nós somos inseparáveis, e se tudo se desenraiza em torno de nós, permaneçamos aqui neste santuario das nossas alegrias e das nossas dôres.

EDUARDO

Mãe, tudo se desmorona e me aterra.

O advogado aparece á porta, Eduardo e a Mãe o recebem inquietos.

A MÃE

Temos uma decisão favorável do credor?

O ADVOGADO

A proposta não foi aceita. O meu constituinte não quer absolutamente transigir. Não admite nenhuma prorrogação do contracto; e depois daquella historia do urubú, está intratável.

A MÃE

Sempre Malazarte!... Que desgraça, Eduardo!

EDUARDO

Eu dizia, Mãe, tudo se desmorona... Deixe-me cumprir o meu dever; isto já seria superior ás suas forças. Vá vêr Militina, estou inquieto pelo que lhe possa acontecer só-sinha na rua.

A Mãe saúda o advogado e retira-se.

EDUARDO

Toda a idéa de accordo mallograda! No entanto, a nossa proposta era razoavel nas circumstancias fataes em que estamos, pela morte tão imprevista de meu pae.

O ADVOGADO

Nada mais é possivel. O meu constituinte quer liquidar de uma vez o contracto.

EDUARDO

Então, é irremediavelmente a penhora, a execução, a nossa expulsão desta casa?

O ADVOGADO

São as instrucções que recebi, e o credor julga que a propriedade não representa sequer a metade do valor da hypotheca. Emfim, veremos na occasião opportuna.

EDUARDO

Mas isto é uma extorsão de usurario!

O ADVOGADO

E' conforme o direito. Elle tem por si a lei.

EDUARDO

E a isto se reduz todo o systema de leis : á protecção do capital e á manutenção da auctoridade; seja aquella a mais prepotente e esta a mais odiosa. E' uma vasta e revoltante oppressão inscripta nos codigos. São as leis do pavor...

A **propriedade** e a auctoridade são os dois fetiches que somos obrigados a temer e a venerar! O resto é insignificante; a **propria vida**, a honra, o pensamento e tudo o que faz a belleza da existencia humana, não merece senão frageis disposições legaes, e tão debeis que ninguem lhes attende.

O ADVOGADO

As leis encerram uma grande sabedoria. Ellas são as mesmas de todos os tempos, nos seus principios immutaveis. São eternas. Sem auctoridade, sem propriedade, não poderia haver coexistencia humana. São os alicerces da construcção que nos veiu do passado, e que é admiravel.

EDUARDO

Vivemos em uma sociedade que, baseada em taes leis, é o campo de batalha entre ricos e pobres, entre governantes e governados. Tudo é violencia e aniquilamento da parte daquelles que têm a auctoridade e a riqueza.

O ADVOGADO

É o direito, elle é o termo da relação entre os homens, como o espaço é a relação entre os corpos. O direito é o companheiro da nossa existencia, e o maior mal que póde acontecer á sociedade, é a revolta contra a ordem juridica.

EDUARDO

Como isto é artificial e fóra da natureza! Cada um vive dentro do seu mundo especial e não vê o mundo. A esta concepção fundamental de uma ordem juridica, um mathe-

matico oppõe o conceito do numero e da geometria do universo; um biologo não vê na vida senão a lucta das especies, a selecção, a mutação e as fatalidades da herança e do destino. Na verdade, todos esses pontos de vista em que cada um se colloca, não exprimem uma degradação da intelligencia? No entanto, ha outra vida que não é esta, dentro das muralhas da sociedade. Ha uma vida universal, que se reflecte na arte, na philosophia e na religião. E' a consciencia do infinito, a vida suprema acima dos codigos e dos gestos do terror, e que faz do mundo uma maravilha.

O ADVOGADO

Seria a vida sem o principio moral, que inspira o direito.

EDUARDO

O principio moral não passa de uma phantasia, de uma conjectura, que o homem inventa para a sua falsa escravidão. O homem é um aspecto da natureza como os demais seres. Não é possível dentro do universo estabelecer-se um principio para regular differentemente o destino de seres que são tão fataes como os outros. Seria preciso que houvesse liberdade na natureza e que o homem fosse capaz de determinar o seu destino. A contingencia das cousas, o livre arbitrio, o acaso, tudo isso não passa de artificios da nossa ignorancia. Ha uma fatalidade infrangivel no universo.

O ADVOGADO

Se tudo é fatal, a propria sociedade, que é a categoria dos homens, e o direito, que é a relação entre elles, são

necessarios e irremediaveis. Devemo-nos submetter a essas forças.

EDUARDO

Esta é a agonia indizível do meu espirito. Vêr a fatalidade de todas as cousas, agitar-me dentro deste mundo execrado e de que não me posso libertar! A virtude fundamental é perseverar na sua personalidade até ao extremo, e nesta tragedia suprema do proprio ser toda a violencia é legitima e bella.

O ADVOGADO

A sociedade tambem se defende e esmaga, e justifica-se deante desse principio.

EDUARDO

Tudo isto eu sinto e vejo e não tenho a força de me oppôr. Ha uma grande covardia inicial no espirito humano, que nos entibia para sempre... A minha vida é esta tortura : comprehender a inutilidade de todo o esforço... Como poderei salvar este patrimonio de familia, que se terá de perder em minhas mãos? E' muito pesado o fardo que nos lega o passado...

O ADVOGADO

Eu o vejo esclarecido quanto á sua responsabilidade. Posso retirar-me. (*Sáe.*)

Eduardo fica só, meditando longo tempo, e Malazarte.

MALAZARTE

Sempre só! Tu tremes? Causo-te medo?

EDUARDO

Tu invades a minha solidão.

MALAZARTE

E porque esta solidão?

EDUARDO

E' a minha separação de tudo. Vejo as cousas na sua tristeza...

MALAZARTE

Mas eu sempre te mostrei a alegria.

EDUARDO

Agora tu me fazes horror.

MALAZARTE

Tu não me podes fugir.

EDUARDO

Porque, se tudo me afasta de ti?

MALAZARTE

Desde muito longe acompanho a tua vida. Eu te fui a felicidade e a indiferença bemfazeja. Os nossos rumos foram diversos, mas as nossas naturezas foram as mesmas. Havia entre nós uma atracção, que não se devia quebrar.

EDUARDO

Nesse tempo eu era outro. Hoje não posso supportar a tua indiferença. Oh! que desespero para mim a tua impossibilidade deante da vida!

MALAZARTE

Para que comprehender a vida? Basta-me viver.

EDUARDO

Ha um mysterio implacavel que nos cerca.

MALAZARTE

Eu sou um mysterio, tu és outro mysterio.

EDUARDO

E' isto que nos separa.

MALAZARTE

Tu querias que eu passasse a existencia como tu, em lamentações? Não! O tempo é rapido, não perdôa nem espera. Se eu não vivesse livremente, olhando tudo como de passagem, seguindo as cousas, rindo, gosando, amando, vivendo emfim, estaria tambem solitario, immovel, triste como um penedo.

EDUARDO

Eu vivo no espaço angustioso que a dôr me traçou. Não posso ir além. Essa tua alegria me aterra... A serie dos infortunios é crescente e infinita. Desde aquella tua aparição na noite de Natal, tudo é tristeza em torno de nós.

MALAZARTE

Tu tambem me responsabilisas pelas desgraças que aconteceram aqui?

EDUARDO

Estás sempre envolvido na fatalidade.

MALAZARTE

E' esse o meu quinhão. Posto em face de gente triste, enferma e pusillanime e ser responsavel pelo seu destino! Por toda a parte, essa maldição dos covardes que precisam responsabilisar alguém pelas miserias que lhes veiu da propria natureza... A minha presença é funesta! Sou eu que altero as cousas e torno em maldades os beneficios que elles esperavam para a sua vida mesquinha. Sou eu que faço nascer o soffrimento e a expiação. Eu sou a praga! Sou o personagem sinistro que tudo incita como um flagello formidavel. Se o sol os abraza, eu sou o sol; se o vento os derruba, eu sou o vento; se o raio os fulmina, eu sou o raio; se o mar os traga, eu sou o mar... Ah! miseraveis, que elles olhem para si mesmos e vejam se são dignos de viver. O proprio mal, que trazem em si, revolta-se e os destróe. E o odio delles se ergue contra a minha serenidade... Eu continuo impassivel e zombo dessa colera que me amaldiçôa. Outros se alegram em mim, os fortes, os grandes, os que não temem e sabem que tudo é fatalmente bello, e fazem do mundo um encanto e um prodigio. Para esses é que eu existo, e toda a minha energia, o meu sangue, a minha alma é para lhes dar a alegria e a belleza.

EDUARDO

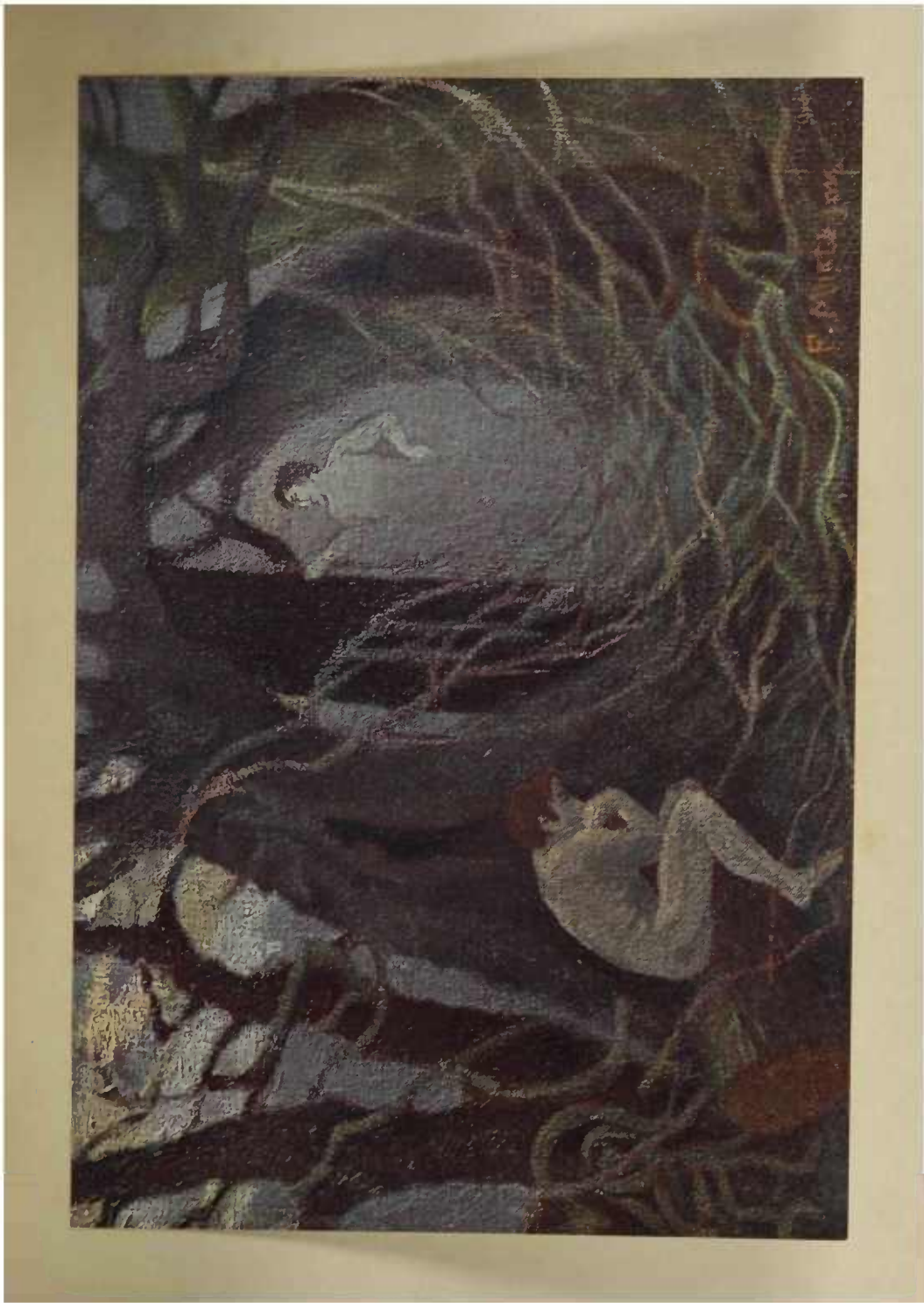
Alegria?

MALAZARTE

A alegria é o bem, a tristeza é o mal. Tu te diminues na agonia. Vem commigo, vamos desta prisão, fujaamos de tudo

... Minha energia, meu sangue, minha alma é para dar a alegria e a beleza.

(Page 54.)



isto... Eu te mostrarei outros mundos e de novo estaremos unidos. Não te deixarei mais.

EDUARDO

Nada me demove d'aqui, fico na solidão e nella me conforto. Viverei com as minhas saudades. Os meus pensamentos são espectros, elles saem da sepultura onde enterrei para sempre a minha inconsciencia.

MALAZARTE

Tu te afastas da vida e morrerás de tristeza e dôr, enquanto eu irei seguindo o meu fado, alegre hoje, descuidado amanhã, vendo desaparecer, deante de mim tudo que vae morrer e me fita no ultimo instante com espanto e terror. Se não fôres commigo, se não tiveres de novo a tua liberdade, se não juntares a tua natureza á minha, não terás mais repouso... Os espectros te matarão.

EDUARDO

Eu amo os espectros.

MALAZARTE

Fica na tua solidão.

EDUARDO

Ficarei.

Malazarte sáe

Eduardo fica na tragica solidão da consciencia que fragmenta o Universo e separa o homem de todas as cousas.

Ouve-se um grande tumulto de gente que entra em desordem e em algazarra pelo jardim.

AS VOZES

Mãe da lua! Mãe da lua!

Dyonisia entra na sala protegendo Militina, que é perseguida por parotos.

DYONISIA

Fóra, miseráveis!

OS GAROTOS

Mãe da lua! Mãe da lua!

DYONISIA

Rua, canalha!

Os garotos vão sahindo, murmurando e escarnecendo :

Mãe da lua! Mãe da lua!

Dyonisia os expulsa n'uma attitude de dominio. Militina refugia-se junto de Eduardo.

DYONISIA, a Militina

E'aqui a tua casa, minha pobre velhinha ?

EDUARDO

Socega, estou ao teu lado.

MILITINA, desvairada e não reconhecendo Eduardo.

Meu filho! Raymundo, vae dansar, ouve o reisado, leva a tua Philoca... Eu tambem quero dansar. Oh! Malazarte, não mates meu filho. (*Apercebendo-se do seu engano.*) Não é meu filho... Malazarte carregou-o para o fundo do mar e o afogou. O mar é sangue... Quem és tu, mulher? A outra, a

do meu Raymundo, era escura como elle, era o fogo ardente, e tu trazes o mar nos olhos. — Vae, vae, volta! Aqui é a minha casa... Elles me quizeram matar e tu me salvaste. Porque me salvaste? Não te conheço, minha branca...

EDUARDO

Socega, Militina. Ninguem te fará mal.

MILITINA

E Malazarte?

EDUARDO

Nem Malazarte; e se foi elle que matou teu filho, serás vingada.

MILITINA

Ah! Dudú, meu filho não morreu... Uma mulher o levou. (*A Dyonisia.*) Fala tu, que me salvaste a vida, e com certeza escondes o meu Raymundo, fala, demonio ... Oh! tu és bella como uma santa... Meu anjo da guarda! S. Miguel Archanjo!

DYONISIA

Minha velhinha, agora eu te deixo e vou tranquilla. (*A Eduardo.*) Não consinta que saia sósinha á rua. Poderão fazer-lhe mal. Ainda ha pouco, vi o seu vulto magrinho, vacilante, a correr pelas ruas, e atraz esse bando de garotos vagabundos, n'uma gritaria furiosa. Atiravam-lhe pedras... Deixa vêr, minha mãesinha, se alguma te apanhou. (*Examina carinhosamente Militina.*) Não, não estás ferida... Mas como está variando!

EDUARDO

Não é de medo. Este desvario lhe veio depois da morte do filho.

DYONISIA

Seu filho morreu?

EDUARDO

Não sabia? Como assim? um facto tão conhecido, um processo...

DYONISIA

Eu não sei nada.

EDUARDO

Não é d'aqui?

DYONISIA

Sou do outro lado da bahia.

MILITINA

Ella cheira ao sal do mar!

EDUARDO

O mar! Como é triste o mar!

MILITINA

Meu filho... Mundico, tu estás no céu... Elle é a lua, e a luz da noite é triste porque vem da lua morta. Eu sou a mãe da lua! (*Sáe, cantarolando, plangente.*)

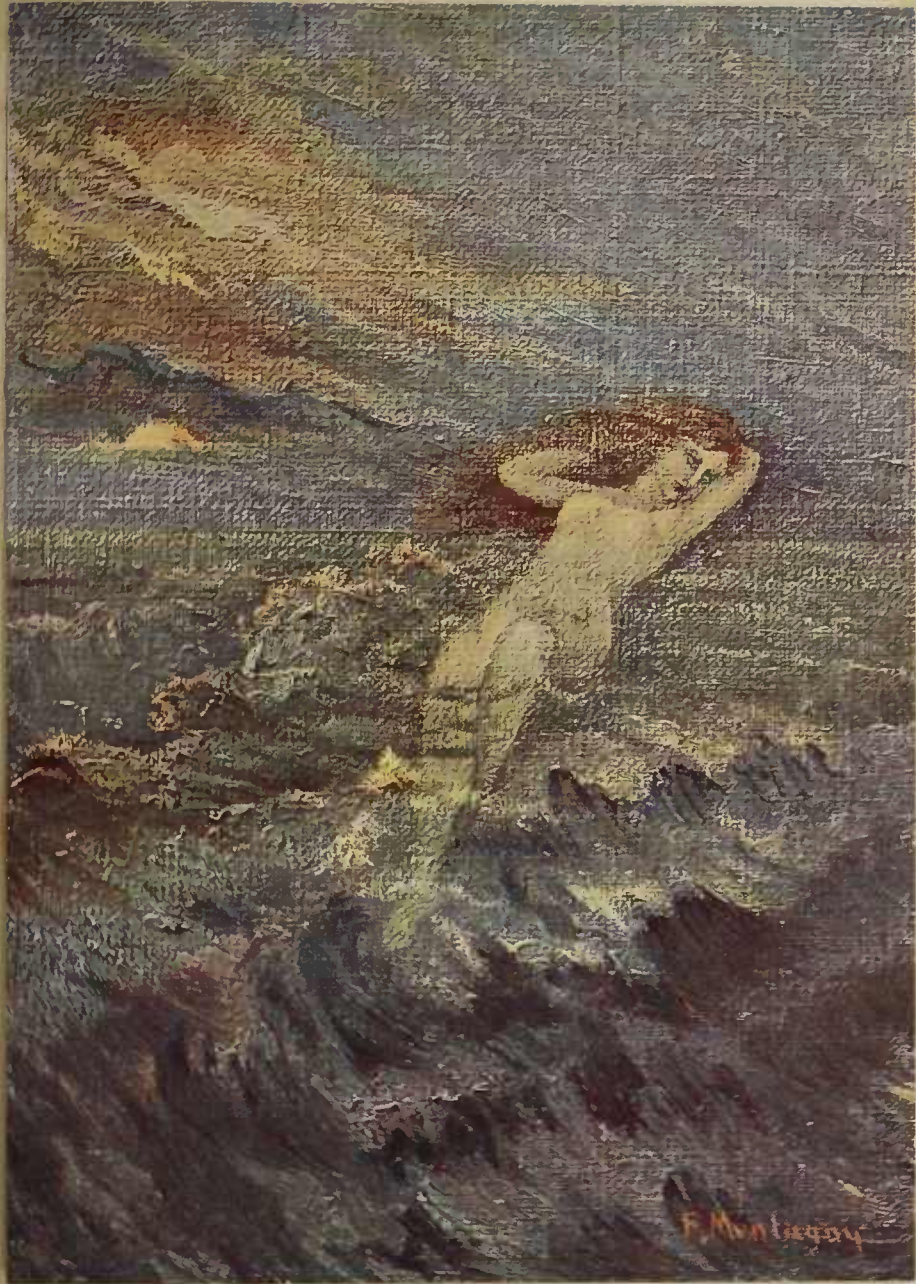
Mãe da lua! Mãe da lua!

DYONISIA

Que casa triste!... Porque tanta tristeza?

... Elles disseram que eu era uma sereia.

(Page 59.)



EDUARDO

A morte e o amor...

DYONISIA

O amor não é triste... Lá do outro lado do mar, da minha praia immensa, eu sou a que os homens amam e que sempre lhes sorri. Sou eu que lhes teço as rêdes com que elles pescam, e eu teço cantando. Sou eu que os desperto á madrugada, quando dá a preamar e nós sahimos na barca a pescar pelas aguas cheias de luz... e eu canto para attrahir os peixes... A's tardes de tormenta, eu me sento sobre a praia e canto ainda para o mar. A minha voz se mistura com o vento, com o rumor das vagas, com o clamor do mar livre, e na força do meu canto pareço subir, subir... Outras vezes, tudo é silencio, e eu venho á noite sósinha ouvir o suspiro do mar, e quando elle se banha na luz do luar. Uma noite que eu estava sentada assim na praia ardente, os homens me viram toda núa e disseram que eu era uma sereia e eu os beijei a todos. Eu os beijei; e enquanto o meu corpo branqueiado pela claridade do luar se abraçava aos corpos dos homens, o mar bramia exaltado e o vento soprava furiosamente. Foi uma grande exaltação a daquella noite! A minha bocca não se fartava de beijar. Eu dei a alegria e a vida... Eu sou um mar de amor!

EDUARDO

E quem te conduziu até aqui? Que te trouxe da praia luminosa a esta casa triste?

DYONISIA

As ondas do mar... Os meus companheiros sahiram hoje de madrugada para o mar, e eu com elles. A maré era grande, a agua não muito fria, e tudo promettia uma excellente pescaria. Fomos assim mar afóra, quando de repente começou a soprar forte, e como o mar crescia e vinha sobre nós, os pescadores não ousaram affrontar as ondas bravas; e como manobrassem muito depressa e com violencia para voltarem ao porto, rasgou-se a véla. Ficámos boiando sobre as aguas bravias. Aterrados, elles me disseram : « Dyonisia! Dyonisia! canta. » E eu cantei para espantar o medo... O mar se foi acalmando, e as vagas nos trouxeram para este lado da bahia. Atracámos. Em terra elles me mandaram comprar panno para concertar a véla. Eu sou mulher de pescadores.

EDUARDO

Vocês são mais resignados que as ondas, mas sempre vagando como ellas. Como é bom estar longe desta cidade! Oh! fóra de tudo isto!

DYONISIA

Como é extranha a cidade aqui dentro! De lá, do outro lado, é tão linda, toda branca, recebendo o sol e espalhando a luz. Della levantam-se arvores, palmeiras enfileiradas como uma floresta em marcha, ou então uma palmeira solitaria se ergue para o céu, como um desejo que subisse da terra amorosa... A'noite, parece que as estrellas baixam á terra e um clarão de braseiro illumina o mundo quieto. De vez

em quando, luzes como vagalumes correm por entre outras luzes paradas... Outras vezes, são fogos que dansam...

EDUARDO

Nunca eu a vi assim. E' preciso ir lá fóra para ter essa miragem. O espectáculo só é bello de longe, de muito longe.

DYONISIA

Venha uma noite...

EDUARDO

Uma noite? Talvez!... Não.

DYONISIA

Sim, á noite. Não imagina como é lindo! As grandes manchas verdes muito socegadas recolhem a luz estrellada do céu e da terra e espalham uma côr que é a do fundo do mar.

EDUARDO

O fundo do mar?

DYONISIA

E á noite os montes e as pedras são gigantes phantasticos. Como mettem medo! A mim não, mas aos homens que imaginam... A agua da bahia cerca brandamente a cidade e é uma agua que tem luz e canta em surdina. As pequenas ilhas são como bosques verdes encravados num areial de prata.

EDUARDO

Aqui dentro tudo é diferente!

DYONISIA

Agora de manhã eu vi as casas e a gente. Os caminhos não têm aquella luz, estão cheios de lama; as casas são prisões. E como tudo é feio e sinistro! Ha medo do sol, ha medo do céu, ha medo e terror por toda a parte. E' a cidade do espanto. Vi templos para proteger os homens, vi deuses de soffrimento, deuses que têm lagrimas nos olhos como escravos suppliciados. Ouvei cantos de morte, um grande lamento por toda a parte, vi gente famelica de olhos faiscentes, vi gente apavorada gritando e espantando os outros. E tudo tão feio! E os corpos deformados e mulheres amortalhadas como mumias, para esconder a nudez... Aquillo, mulheres! Vi o amor. Eu sei bem que é o terror que o faz assim. O terror é o vosso creador... Oh! a miragem! a miragem! Eu volto ao mar e de lá continuarei o sonho!

EDUARDO

E tu sabes o caminho?

DYONISIA

O caminho do mar? Eu o tenho nos meus olhos, que só vêm o mar.

EDUARDO

Os teus olhos... e por elles se vê a maravilha que está no fundo das aguas. Como tudo aqui é sombrio e fechado!

DYONISIA

Lá tudo é luminoso e livre.

EDUARDO

Aqui é o meu destino. Volta para a immensidade. Volta enquanto ha sol; depois as trevas baixarão. Não deixes que a escuridão te envolva...

DYONISIA

As sombras chegam... Vou-me embora.

EDUARDO

E eu fico separado de tudo.

DYONISIA

Lá nós somos um com tudo o que existe. Os meus homens são como rochedos, toscos, asperos, e os rochedos são como os homens do mar, rudes, calados, meditabundos. A's vezes, dentro da luz, sobre o mar calmo, os barcos parecem passaros de azas abertas, são gaivotas ou cysnes; outras vezes os cysnes e as gaivotas abrem as azas e são barcos...

EDUARDO

Tudo se transforma, Dyonisia.

DYONISIA

E que alegria em tudo! Quando o mar geme, é um canto ão bello que esquecemos ser uma lamentação... E eu me rio das desgraças do mar. Se um passaro canta lugubre á noite, nós gosamos do som puro e da clara melodia que nos enchem os ouvidos. Eu só vejo a belleza e não a dôr! Só ha alegria na vida...

EDUARDO

Eu só conheço a dôr.

DYONISIA

E' preciso fugir a este desespero em que vós todos viveis.
Deixe esta cidade de terror.

EDUARDO

Para ir além?

DYONISIA

Atravessar o mar...

EDUARDO

O mar! Sabes?... o mar me espanta. E'um pavor que me ficou desde creança e que não me deixa... Metteram-me medo e um terror tão grande que gerou phantasmas em meu espirito. Quando eu era pequeno, da janella que dá para este jardim, eu via á noitinha sahir do fundo do poço uma mulher loura, com um pente de ouro com que penteava os longos cabellos, e ella me sorria... Era tão bella! E eu ainda vejo dentro dos meus olhos essa mulher... Era loura como tu, os cabellos eram assim, tinham dentro delles o sol... Como os teus olhos tambem são verdes! E'que tu tambem vens do mar... Ella sorria assim... Oh! apaga esse brilho dos teus labios...

DYONISIA

Eu sorrio sempre.

EDUARDO

Eu quizera a tua força para vencer o mar. Dá-me a tua alegria... Tu és forte e bella. A tua cabeça espalha a luz do sol.

DYONISIA

Lá tudo é bello e tudo é luz!

EDUARDO

Raio de sol que se fez mulher! os teus labios têm a frescura e a carne das flores núas.

DYONISIA

Lá eu sou toda núa...

EDUARDO

Oh! esplendor da nudez... Nesse corpo vive toda a natureza e por elle eu me sinto em communhão profunda com as outras cousas.

Beijam-se demoradamente e Eduardo desperta para a nova vida.

DYONISIA

Eu te sorrirei sempre.

EDUARDO

Tu és eterna, Dyonisia!

DYONISIA

Vem... Vamos... Eu te cantarei os cantos do mar. Tudo é um só e inextinguível canto : mar, vento, aves, plantas, e nos busios da praia, tu ouvirás ainda a minha voz. Não é o canto das aguas, é o meu canto : guardado para os que amo, o canto que te espera, canto de saudade e de amor... São as vozes dos meus profundos desejos.

EDUARDO

Eu ouço esse canto na tua voz... e a alegria se apodera de mim...

DYONISIA

Vamos dentro da luz.

EDUARDO

Sim, vamos... Não ha ha senão luz e vida. Eu sinto que a dôr morreu ao poder do teu encanto invencível...

DYONISIA

O nosso mundo é immenso como o mar e cheio de alegria.

EDUARDO

Esse mundo nasce em mim. És tu nas mil fôrmas, és tu, raio do sol, mulher! És tu, Amor! Toda criação é um mysterio de amor.

DYONISIA

Vamos para o meu recanto secreto, onde tudo é tão bello, tão tranquillo, e onde tu serás meu. Tudo te espera, a agua do mar, o sol, as arvores, os proprios rochedos calados... Vamos!...

EDUARDO

Aqui tudo é sombrio.

DYONISIA

Lá tudo é radiante.

EDUARDO

Dyonisia, eu quero a vida, o amor...

Enlaçados vão deixando a casa.

DYONISIA

Eu sorrio, eu canto, eu sou um mar de amor...

Desapparecem lentamente

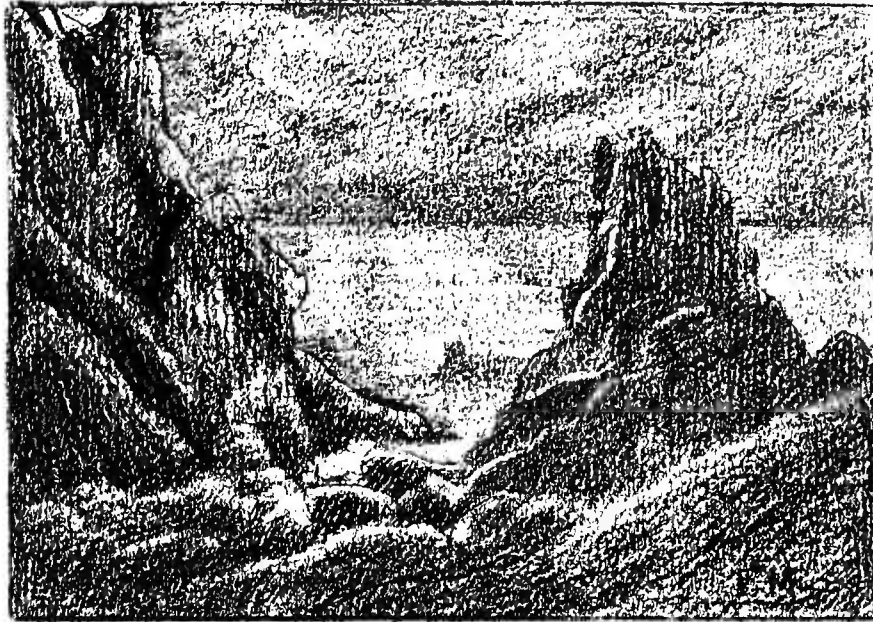
A Mãe chega e os vê.



TERCEIRO ACTO *Frontespicio.*

(Page 69.)





TERCEIRO ACTO

A praia da Boa-Viagem, na bahia do Rio de Janeiro.

Dyonisia, de cabellos soltos, ligeiramente vestida, de pés descalços, deitada sobre um pequeno rochedo, escuta n'um busio os seus cantos de amor e sorri maravilhada.

Depois de alguns momentos, aproxima-se lentamente da praia uma barca em que vem Malazarte. Ao tocar a praia, Malazarte salta em terra e amarra a barca.

Malazarte vae seguindo pela praia, quando vê Dyonisia, e radiante dirige-se a ella.

MALAZARTE

Que estás ouvindo ahi?

DYONISIA, *mysteriosa e faceira*.

Nada...

MALAZARTE

Nada? Sim... Conheço essa velha historia... Tu queres ouvir a maré que vem businando de longe... E' o que ensinam os pescadores... O mar sopra no busio antes de soprar na praia. Acreditas nisso? Que o mar canta?

DYONISIA

Não é o que eu estou ouvindo...

MALAZARTE

Que é então?

DYONISIA

Cantos de amor!

MALAZARTE

Cantos de amor... Quaes?

DYONISIA

Os meus... os que eu canto quando estou apaixonada e sósinha guardo aqui para os meus namorados...

MALAZARTE

Deixa-me ouvir.

DYONISIA

Não, tu não és meu amante.

MALAZARTE

Mas posso ser... se tu quizeres... hein? Como tu és bella! Como és dourada e côr de rosa... Dá-me o busio...

... Comos és dourada e côr de rosa... dê-me o busio.
(*Page 70.*)



... Cantos de amor.
(*Page 70.*)



DYONISIA

Nunca... Não foi para ti que eu cantei. Elle estava bem escondido e eu vim buscal-o para quem tu sabes.

MALAZARTE

Mas eu o quero para mim. Dá-mc...

Elle persegue Dyonisia, que risonha corre. Alguns instantes depois, Malazarte apodera-se do busio.

DYONISIA, *inquieta.*

Ah! não escutes, Malazarte!

MALAZARTE, *escutando no busio.*

Eu ouço um murmurio longinquo. Não é o vento nem o mar. E'umá voz de doçura e de caricias, uma voz de mulher, sim, murmurios de amor... Assim cantou para mim a minha primeira namorada, quando eu me fazia homem... Ha tanto tempo já! Ainda guardo o som dessa voz. São de verdade os teus cantos, Dyonisia?

DYONISIA, *voluptuosa e seductora.*

São os meus suspiros e os meus desejos. Porque descobriste o mysterio?

MALAZARTE

O mysterio da voz... Agora te conheço melhor : não é sómente por essa voz profunda e secreta que tu seduzes, Dyonisia. Tudo em ti é amor!

DYONISIA

O amor é a minha vida, Malazarte.

MALAZARTE

Tu és o amor. Os teus olhos têm uma luz ardente e meiga, e os teus cabellos são ouro e fogo. Deixa-m'os tocar. (*Elle toma nas mãos os cabellos de Dyonisia.*) Como são vivos!

DYONISIA

Sempre em desordem.

MALAZARTE

Quem pôde reter as chammas?

Malazarte acaricia os cabellos de Dyonisia que, de novo reclinada sobre o rochedo, sorri n'um voluptuoso encantamento.

DYONISIA

Tu... sómente tu... As tuas mãos queimam, mas apaziguam... Que força em tuas mãos! E, no emtanto, não me fazes nenhum mal. E'extraordinario! Dizem que és terrível, violento e máo...

MALAZARTE

Eu?

DYONISIA

Contam tanta cousa a teu respeito...

MALAZARTE

Mas, emfim, o que?

DYONISIA

Cousas interessantes, mas tão inquietadoras! Dize lá o que se passou ultimamente contigo e as filhas de um sujeito que tem uma roça e foi teu patrão...

MALAZARTE

Ora, pouca cousa...

DYONISIA

Conta...

MALAZARTE

A historia foi que esse endemoniado roceiro tinha tres filhas : Catharina, Rita e Benedicta. Logo que entrei para o serviço, as caboclas se inflammaram e começaram a me grelar cada olho... Fiquei logo assanhado... mas o difficil era escolher entre as damnadinhas. Se Catharina tinha olhos de veada, Rita tinha os cabellos cacheados, que me faziam cocegas, e Benedicta, a mais cafusa, tinha um corpinho de amor... Não havia duvida, eu precisava das tres... Mas como havia de ser?... Como havia de ser? A velha andava arreplada e espionava as pequenas. Ora, um dia entre os dias, eu estava com o patrão tratando do gado, quando a este se meteu na cabeça que era tempo de lua e occasião de fazer uma boa plantação. Quando chegámos á horta, não estavam as ferramentas. Então, volta-se o patrão e diz : « Pedro Malazarte, vae buscar a enxada, a foíce e a pá, todas tres! » — Eu puz cebo nas canellas e fui voando, imaginando commigo mesmo : « Chegou o momento de pegar as pequenas e embrulhar a velha candongueira... » Chego á casa e topo as bichinhas com a mãe tecendo rêde, socegadas que era um gosto. Sem mais aquella, fui dizendo : « Patrôa, o patrão quer as filhas d'elle lá embaixo para ajudarem a plantação. Ellas têm boa mão e hoje é lua. » A velha rosanou ; oh ! diabo ! — Eu repeti a mensagem. A megéra disse que bastava ir uma.

As coitadinhas, que deliciosas creaturas e espertinhas! tinham entendido e me miravam. Criei animo e gritei com toda a força dos meus peitos para o patrão : « Todas tres, senhor meu amo? — E a voz do velho chegou fraquinha : « Sim, todas tres, Malazarte. » — A velha resmungou, mas obedeceu. E eu parti com as tres pequenas. Uma feita no caminho, a casa se escondeu, e nós tomámos pela estrada grande áfora...

DYONISIA

E depois... que fizeste?

MALAZARTE

O que tu farias no meu caso... Ah! tu não...

DYONISIA

Todas tres?

MALAZARTE

Sim. Porque não?

DYONISIA *salta aos joelhos de Malazarte e abraça-o.*

Que bello! Gosto disso...

MALAZARTE

E eu então? Mas não ha nada de espantar, porque a velha Militina, que sabia historias do tempo antigo, me contou que um rei teve trezentas n'uma noite... Que sorte!

DYONISIA

E'mentira... Eu te affirmo.

MALAZARTE

Porque não ha assim tanto dessa fazenda, mesmo n'aquelles tempos...

DYONISIA

Tu serias capaz?

MALAZARTE

Tu vales mais que trezentas... Mas deixemos estas historias. Vamos pelo mar áfora, a barca está ahi; vamos, Dyonia... Toma este anel! Vem.

DYONISIA, *encantada e hesitante.*

Quem te deu? Uma mulher... eu juro.

MALAZARTE

Não... Furtei.

DYONISIA

Ladrão, oh! eu te conheço!

MALAZARTE

Mas dessa vez furtei de ladrões.

DYONISIA

Onde?

MALAZARTE

N'uma fazenda velha, onde eu trabalhava.

DYONISIA

Que trabalhador!

MALAZARTE

Quando não ha outro meio de arranjar de comer... depois, varia-se um pouco.

DYONISIA

Mas vamos á historia do anel...

MALAZARTE

Sim, no tempo em que eu trabalhava no campo, só se falava de uma quadrilha de ladrões, e havia um pavor dos diabos. E o que intrigava o povo, era que ninguem descobria os salteadores, nem onde elles escondiam os furtos, e tudo andava saqueado. Um espanto geral. Ora, uma noite fui á caça e trepei n'uma arvore, para fazer uma espera, porque o bicho devia dar de madrugada. E assim fiquei quieto, e quando o dia já vinha vindo, ouvi um barulho extranho no matto. Parecia uma tropa de soldados marchando com cautela. Desconfiei que a funcção era commigo e preparei a arma para me defender... A gente tem sempre negocios com a policia... Puz-me á espreita, e que vi? Uma duzia de homens, que lá do alto me pareciam anões, carregando caixas, malas e saccos pesados. Os camaradas caminhavam com difficuldade debaixo da carga. Emfim, passado algum tempo, eis os patifes debaixo da minha arvore. São os ladrões! Elles contam as façanhas daquela noite. Alguns tinham apenas devastado gallinheiros; outros, porém, traziam dinheiro e joias. « Oh! lá, diz um delles, que era o chefe, escondam tudo isso e vamos comer. » Os companheiros obedecem e, levantando uma pedra, descem debaixo

da terra por um buraco e ahi escondem tudo, salvo a comida. Depois voltam acima, e principia uma scena de feitiçaria, rezas e cantos lugubres... « A mesa », manda o chefe, e todos começam a devorar. Oh! que fome canina! Oh! que lobishomens! Comem as aves cruas, quasi vivas, aos pedaços sangrentos. Fazia nojo, e eu, damnado, em cima, com vontade de lhes mandar chumbo. De repente, um delles, farto e cançado, com a bocca cheia a escorrer sangue, com os olhos accesos, grita : « Agua! — Agua? escarnecem os outros. — Agua? bebe sangue... » Então eu lá de cima lhes mando agua... Atordoados, olham para o alto, e que espanto, que panico n'aquellas caras medonhas. Agitam-se todos e berram : « O céu chove uma chuva fedorenta! » — Espavoridos, correm pela negrura da matta a dentro... Então eu desci e, sem mais aquella, apanhei o dinheiro e as joias, e fiquei rico por muito tempo. Só resta este annel. Toma-o e dá-me o busio.

DYONISIA, *hesitando.*

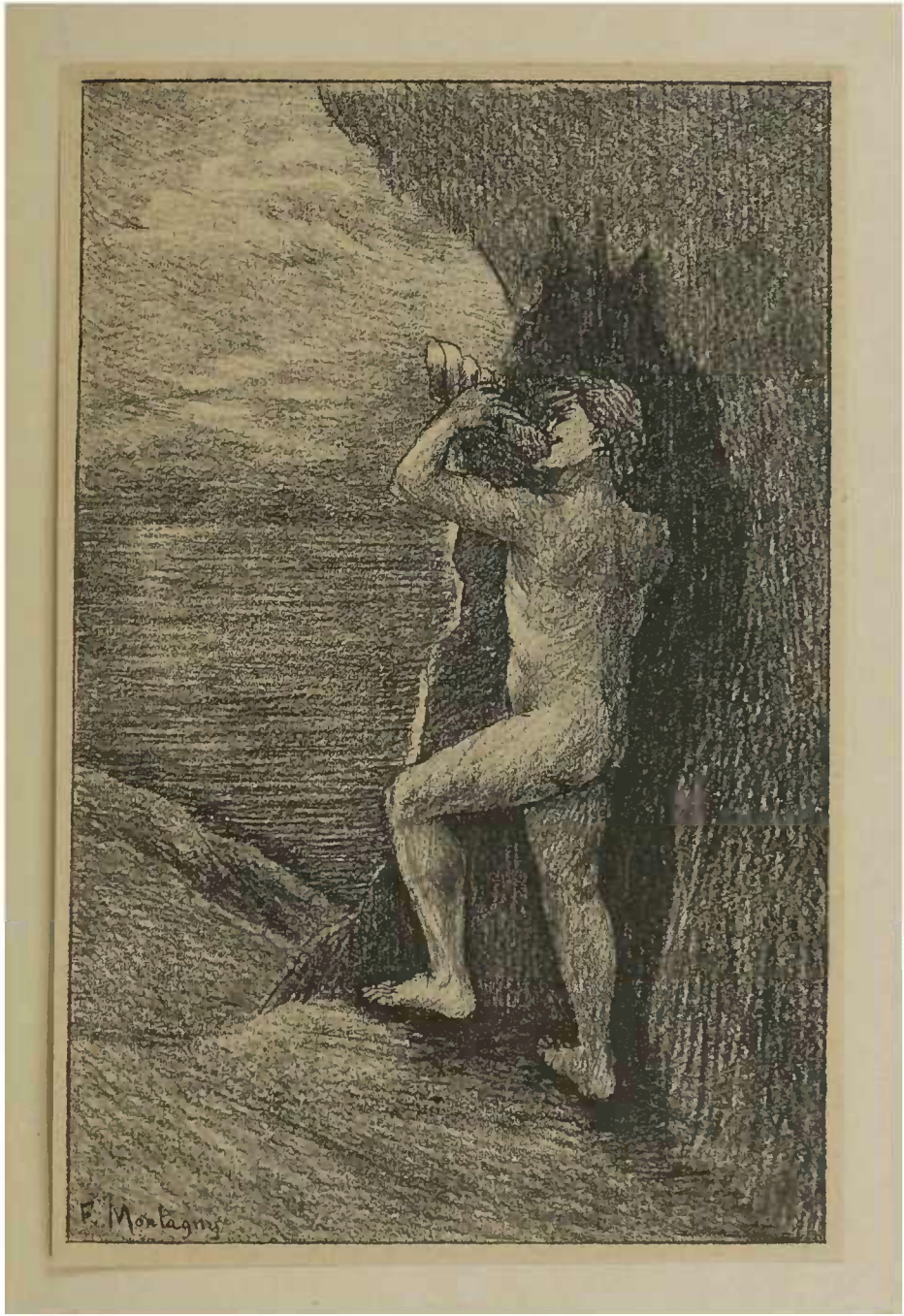
Nunca...

MALAZARTE *apodera-se do busio n'um voluptuoso entusiasmo.*

Eu quero esse canto de amor... dá-me... Eu o busco tambem, porque ahi tu cantaste e amaste como o mar, a floresta, o sol e tudo o que tem vida eterna. Oh! como é delicioso! Esta concha é a tua bocca, cheia de amor e de doçura. (*Beija loucamente o busio e, de repente, como um Tritão, sopra ardente e radiante.*)

DYONISIA, *inquieta e amorosa.*

Que fazes?



... Como é doce nos amarmos nesta liberdade, nesta luz.
(*Page 79.*)



DYONISIA, *sorrindo, languida e amorosa.*

Vem, Eduardo. Como é doce e estranho o amor nesta liberdade e nesta luz! Tudo aqui é o infinito, nada nos impede de nos pertencermos um ao outro, como o sol e a onda do mar. E que irradiação em teu ser, quando te aperto ao meu seio... Gosto tanto de acariciar os teus cabellos!

EDUARDO

Tu acalmas e illuminas!

DYONISIA

Eu te acalmo! Como amo loucamente os teus olhos, quando elles têm este fogo da vida que está no teu coração abrasado! (*beija-o*).

EDUARDO

E da tua bocca recebo o sopro mysterioso da minha vida nova. Dá-me ainda... sempre.

DYONISIA, *beijando-o febrilmente.*

Toma, toma!

EDUARDO

Os teus beijos e as tuas caricias são para mim a vida. A vida eterna! Dyonisia, eu me sinto como as outras cousas inconscientes e felizes. Em ti, meu amor, tudo, tudo!

DYONISIA

E' o divino esquecimento...

EDUARDO

Nos teus braços, na tua bocca, nos teus olhos, em todo o teu corpo, o meu ser se desperta. Os teus gestos de amor são infinitos como as expressões da Natureza.

DYONISIA

Deixa mirar-me no fundo dos teus olhos maravilhados... São como um poço sombrio, e lá em baixo a agua... Eu ahi me vejo estranha e outra... Eu me vejo!... Tu me amas!

EDUARDO

Parece que ha muito tempo ahi guardo a tua imagem. Como és bella e singular! (*Beija-a e depois contempla-a docemente, vê o busio, sorri e vae apanhal-o. Dyonisia o impede vivamente*).

DYONISIA

Não. Deixa-o... Está tudo acabado.

EDUARDO

Acabado? O que?

DYONISIA

Vim aqui buscal-o. Os meus cantos ahi não estão mais, aquelles que te esperavam... Malazarte soprou dentro do busio. Foram-se!

EDUARDO

Malazarte?

DYONISIA

Elle passou neste instante e soprou dentro do busio como um furacão... Que força, que entusiasmo, e como elle mente!

EDUARDO

Oh! é um farcista, um trapaceiro... eu o conheço.

DYONISIA

Talvez... mas como sabe inventar, e que historias tão divertidas conta!

EDUARDO

Mentiras.

DYONISIA

Mas tão bellas! Quem me déra mentir como elle! Sim... A mentira é mais verdadeira do que a verdade de toda a gente. Não sei me explicar, ella tem mais vida, mais sangue, mais côr. Vale mais do que a verdade, porque representa as cousas que deviam ser e que não são por culpa nossa.

Eduardo fica silencioso, a scismar

DYONISIA *carinhosa.*

Não penses mais nisso... Se eu não te posso dar aquelles cantos que tu ouvirias toda a vida, dar-te-ei cousa melhor...

EDUARDO

Que? mysteriosa!...

DYONISIA

O meutheouro... As maravilhas do mar, perolas, estrellas, coraes, e flôres do fundo do oceano, que jamais tu viste... Esse theouro vem da mãe d'agua! A agua, como todas as cousas, tem mãe... Ella é eternamente viva, porque é a fonte da existencia e a renova perpetuamente. E'infinita e

se multiplica sem se fatigar. Está na origem de tudo...
Desce dos céos e torna a voltar das profundezas da terra e
gera as nuvens errantes. Corre sobre a face do mundo, que
ella embelleza, e das entranhas da vida sóbe aos olhos dos
homens para os consolar... (*Ella vae buscar o thesouro.*)

EDUARDO, *seguindo-a.*

Dyonisia!

DYONISIA

Espera-me ahi. Não quero que ninguem descubra os
meus segredos... (*Sáe.*)

*Na praia chega a Mãe de Eduardo, que o busca. Eduardo fica
commovido e attonito, ao vê-la.*

A MÃE

Meu filho... Emfim!

Eduardo continúa silencioso.

A MÃE

Não me conheces? Que te fiz?

EDUARDO, *lenta e dolorosamente.*

Que me queres? Porque vens com esse ar sombrio, com
esses olhos tristes? Porque turbas o mysterio do amor e da
vida? Volta!

A MÃE

Ha mezes que me abandonaste... Todos os nossos bens
foram vendidos. Tomaram-me a casa... E porque me
deixaste? Que te fiz, a ti, meu unico filho? Devias ser o

meu arrimo e a minha consolação... Porque fugiste de mim?

EDUARDO

Não sei... Deixei a morte e a dôr...

A MÃE

Eu te faço horror... Ah! compreendo. Tu fugiste á minha tristeza... Se eu adivinhasse, meu filho, teria feito da minha vida outra cousa, teria occultado as minhas afflicções; eu as teria enterrado bem no fundo do coração e no men rosto enrugado verias brilhar a alegria! Que não faria por ti, para te guardar sempre ao meu lado, ligado eternamente a mim, como o filho é ligado á mãe nas suas entranhas...

EDUARDO

Agora conheço a felicidade.

A MÃE

E a mim esqueceste!

EDUARDO

Fui attrahido pela força do Amor! Encerrado em nossa vida sombria, angustiado, Mãe, parti para matar esta sêde de felicidade, que é a minha tortura.

A MÃE

Eu sou tua mãe e não te quizera jamais privar do teu quinhão de felicidade... Perdôa, se o não te pude dar...

EDUARDO

Tu me esqueceste, Mãe!

A MÃE

Nós nos esquecemos um do outro... A dôr se apoderou de nós... Eu tinha todas as minhas angustias, e tu a saudade da morta...

EDUARDO

Viviamos no soffrimento.

A MÃE

Dize... Encontraste ao menos a felicidade?... Não sei; temo que não sejas feliz, meu filho...

EDUARDO

Mãe, sou feliz...

A MÃE

E essa mulher?

EDUARDO

Dyonisia?

A MÃE

Não a conheço... Apenas a vi... Em que horrivel instante! Parecia que ella me levava a vida... Nesse dia fiquei só, a noite foi chegando...

EDUARDO, *depois de algum silencio, e como n'um sonho.*

Por ella possuo toda natureza, por ella eu me confundo com o Universo... E' a inconsciencia suprema que dá o amor... A sociedade nos occulta a natureza, e o amor a

revela... E' o extase e o esquecimento... E tu vês, Mãe, como os meus olhos estão cheios de belleza... Oh! o espectáculo maravilhoso não é sómente a belleza, é a vida toda!

A MÃE

Não é uma vida consciente a tua... E' um delirio!

EDUARDO

A consciencia fez-nos monstros a ti e a mim. Estamos em frente da natureza como phantasmas amedrontados. Tudo nos espanta : as forças do Universo, a belleza, a vida, a alegria, e nós fizemos da sociedade uma organização contra a natureza... E' preciso matar a vida! E' o pacto de alliança... e nós nos enchafurdamos nesta lama... Oh! os seres livres!... Vê Malazarte, vê Dyonisia; eu quero a inconsciencia delles. São forças, vivem, brilham, porque só fazem os gestos da natureza. Passam, transformam-se como as nuvens e a luz... E nós, Mãe? E eu? Jamais serei um com o Universo... Para sempre a separação. A sociedade me deu esta consciencia... Eu posso affrontar a sociedade, mas, oh! mamãe, temo a natureza. Bem no fundo do meu ser ha um sentimento remoto, uma lembrança que se não apaga, e que me separa das forças do Universo, e que me diz que elle é elle, e que eu sou eu até á morte... E depois outras agonias vieram... Arranca-me esta consciencia, filha do terror...

A MÃE

Meu filho, não te comprehendo; e que posso fazer para esse soffrimento de mim desconhecido?... Vem commigo... Vem para o meu lado...

EDUARDO

Não, eu fico, quero ir até ao extremo. Escuta, tenho necessidade de tudo te dizer... Mamãe, porque estas cousas em nossa alma? Tu és mãe, deves saber mais do que eu, conheces os mysterio da vida que se passa em ti, e por elle estás ligada ás origens da criação...

A MÃE

Eu sou uma pobre mulher.

EDUARDO

Ah! si soubesses o que é a minha alma... Trago em mim todos os terrores antigos e profundos... São os espectros vagos, informes, mas quanto poderosos! São os creadores! Tira-me tudo isto do espirito. E' o teu dever... Foste tu, Mãe, que me transmittiste o maior dos males, porque por elle estou morto e jamais vivi... Arranca-me tudo isto... e serás abençoada. Será a remissão do peccado inicial... Ah! tu não podes! Só Dyonisia póde!

A MÃE

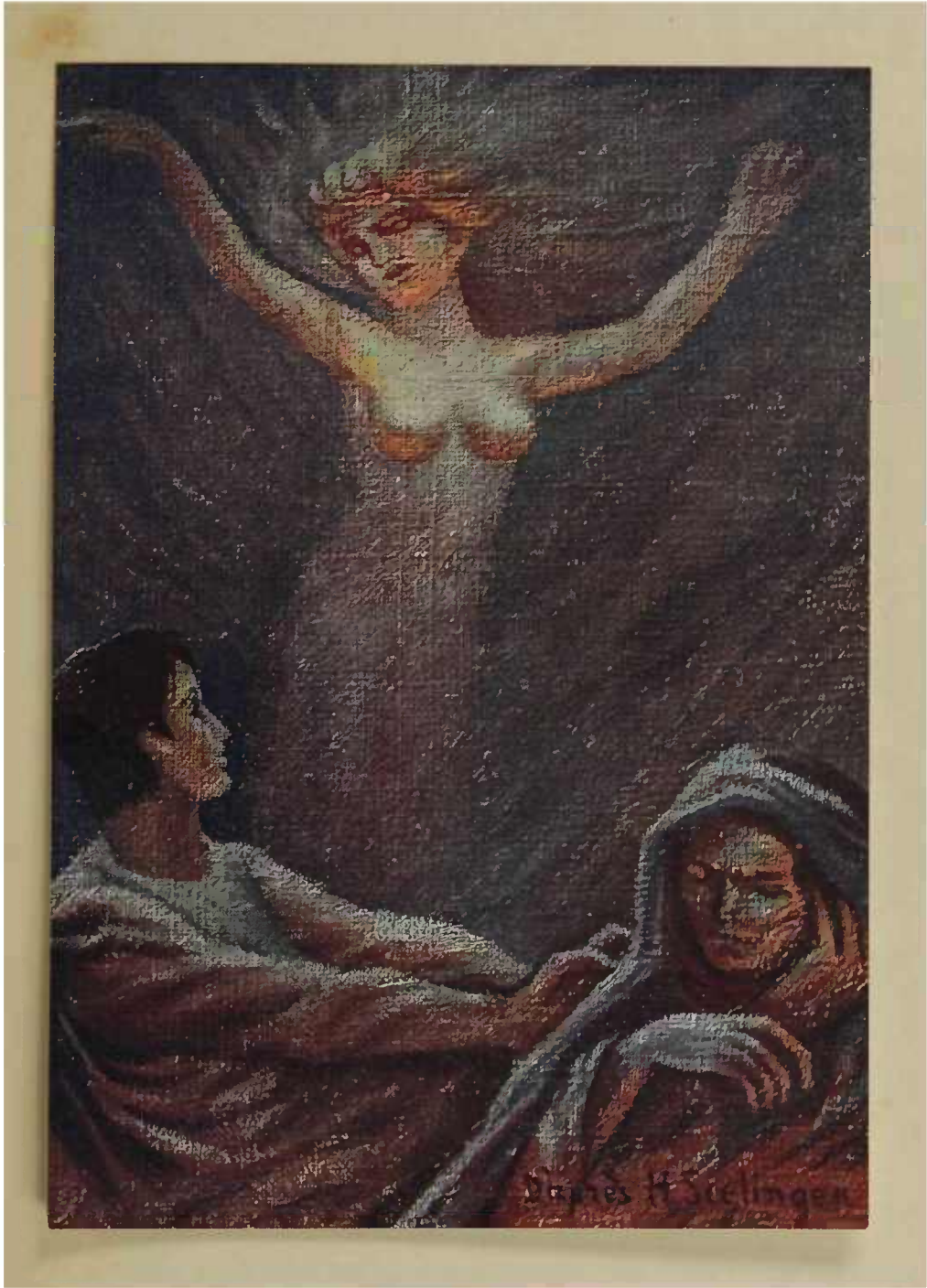
Eduardo, é a loucura, o desespero da felicidade que te dá o delirio. A vida é ainda outra cousa... Olha em torno de ti, meu filho. Ha um dever para com os outros... Ha o soffrimento humano. E' o teu dever...

EDUARDO

O dever para com o soffrimento? Sou eu que não comprehendo a tua linguagem... A Natureza conhece esse

... Só dyonisia.

(Page 86.)



dever? Pergunta ao sol se elle faz o seu dever, dando-nos o calor e a luz? Interroga a Natureza em tudo. Oh! quando seremos nós, verdadeiramente, as simples expressões da vida?

A MÃE

E a consciencia, desgraçado?

EDUARDO

Devíamos viver na inconsciencia absoluta, como os astros e as arvores; mas se, por fatalidade da nossa intelligencia nasce a consciencia da vida, então que ella nos dê o sentimento do nosso logar no Universo, e faça a natureza ostentar-se como um espectáculo divino e que todo o nosso ser seja uma expressão da vida immortal, n'uma perpetua transformação... Então, não haveria mais pavor...

A MÃE

Haverá sempre, meu filho, o mysterio, que só Deus conhece.

EDUARDO

Mãe, vejo que estamos separados para sempre. Volta ao teu mundo engendrado pelo Terror...

A MÃE

Eduardo, tu és meu filho.

EDUARDO

Libertei-me de ti e de tudo o que representas... Dyonisia, Dyonisia, vem!...

Na praia vem chegando Militina, guiada por Malazarte.

EDUARDO

Militina! aqui!

A MÃE

Pobre louca, procurando sempre na praia o filho...

MALAZARTE

Vem, minha velha... O vento está quente e a areia queima. Procuremos um pouco de sombra, e deixa o mar tranquillo... Elle não tem teu filho, o mar... Tu não o conheces, elle mata, mas é muito soberbo para guardar os cadaveres. Elle os restitue á terra, que come os mortos...

MILITINA

Não, ainda não restitui meu filho, mas elle o fará... Supplicarei tanto que terá piedade de mim. (*Dirigindo-se ao mar.*) Porque tomaste meu filho? Era tão bonito! Não o comas... Quizeste te vingar, porque elle apanhava os teus peixes? Era para mim, sua mãe! Eu gosto tanto de peixe... E o meu Raymundo era um bom filho, que queria muito bem á sua mãesinha, e que lhe cantava ás noites as mesmas cantigas de pescador, que elle te cantava. Onde está agora? Responde... O pobresinho deve estar com fome... (*Começa a deitar ao mar a comida que trouxe na cesta.*) Tu não me voltas, mas tu comes... E se estás morto, tua alma não terá fome... Toma mais! Como tens fome, meu filho! Faz frio ahi em baixo d'agua? Hein? Dize á tua mãesinha... Não ouço nada, fala mais alto! Ah! elle não quer que tu saias da

... Luz bem dita, allumia meu filho.

(Page 89.)



agua e venhas aos meus braços? Elle não quer... Ah! tu és mau, furor de Deus! tu me queres pôr maluca? Cala-te, maldito, enganador d'aquelles que te amam... Dá-me meu filho, ou então... então não cessarás nunca de te agitar de dia nem de noite... não terás repouso nem calma; por meus soluços e maldições, serás o espanto eterno, a separação dos homens e das terras, serás castigado pelas rodas dos vapores e retalhado pelas quilhas... Ah! soffres dessas feridas? Gemes?... E o meu coração não soffre? não sangra tambem? (*Ri horriavelmente. A Mãe e Eduardo se agrupam aterrados. Malazarte torna-se impassível.*)

MILITINA, a Eduardo.

Tu estás ahi, Dudú? Eu te conheço... tu és bom, tu vieste tambem buscar o teu companheiro, o teu irmão de leite... Vem... ajuda-me... Sabes? elle não morreu... elle está no fundo do mar... (*Silêncio.*) E se elle está morto! Virgem Santissima, Mãe dos homens e das aguas! Nossa Senhora dos Navegantes, piedade de sua alma! Elle está morto... Morreu sem a Santa Luz! Na escuridão... horror! Aqui está uma véla, que o allumiará na eternidade. (*Accende uma véla dentro de um rochedo.*) Luz bemdita, allumia meu filho! Afasta delle as mães d'agua perversas, que moram nestas grutas...

A VOZ DE DYONISIA

Eduardo! Eduardo!... A estrella (*Dyonisia apparece*), as perolas, o coral! Todo o meu thesouro! Para o filho da Terra as maravilhas do mar!

MILITINA

Ah! A mulher loura! Eu te reconheço... E'ahi que tu moras... Foste tu que levaste meu filho... Tu o enfeitiçaste, perfida!

EDUARDO

Ella salvou a tua vida.

MILITINA

Ella tomou a de meu filho... Eu a conheço, ella é bella... Tem o olhar das esmeraldas... E'o mar... Malvada! Dá-me meu filho. (*Dyonisia sorri.*)

EDUARDO

Oh! basta... Porque tu vieste, tu tambem? Porque me trouxeram até aqui os clamores dos vossos desesperos?...

MILITINA

Eu quero meu filho... que ella m'o restitua... (*Avança para Dyonisia e recúa.*) Não me olhes assim, fecha os teus olhos ou eu os arranco... Fecha esses olhos, bruxa!

A MÃE

Eduardo, meu filho, vem... Esta mulher... Oh! Mãe Santissima, misericordia! (*Ella senta-se acabrunhada n'uma pedra.*)

Militina continúa pela praia a implorar o mar e desaparece.

MALAZARTE, a *Eduardo*

Tu és cruel!

EDUARDO

Separei-me de tudo e vim muito longe. Ide á vossa vida, chorae, ficae no soffrimento...

MALAZARTE

Eu estou em toda a parte.

EDUARDO

Eu sei.

MALAZARTE

E porque me queres metter n'um circulo como um perú? Eu rio e posso chorar tambem. Não sou nunca o mesmo. Para mim, viver é mudar. Estas pobres mulheres soffrem, e eu tenho pena...

EDUARDO

Estou longe dessas tristezas... Tudo é alegria e esquecimento... São lamentações muito distantes de mim...

MALAZARTE

Entretanto, tão proximas...

EDUARDO, *a Dyonisia, que durante esse tempo contemplava absorta o mar.*

Dyonisia, que estás a olhar?

DYONISIA

Eu vejo o mar e sobre elle o vento que passa. E'a alegria, e ella faz estremecer... O mar soffre?

MALAZARTE

Elle se lamenta tambem... Que importa? Olha as ondas que correm e brincam como passaros...

DYONISIA

Que belleza, Malazarte!

MALAZARTE

Que vontade de me ir pelo mar afóra... Gosto delle assim, fremente! Sobre elle fica-se alegre como o vento e as vagas...

DYONISIA

Sobre o mar canta-se sempre... Sonha-se, ama-se, domina-se...

MALAZARTE

A terra me fatiga, porque é sempre tranquilla... O mar remexe-se, tem nervos como nós...

DYONISIA

Elle espanta e attráe.

MALAZARTE

A minha barca está ahi... vem...

DYONISIA

Eu? partir?... (*Olha profundamente Eduardo.*)

EDUARDO

Tu tremes, Dyonisia... O mysterio te tenta. Desejas a perpetua mudança...

DYONISIA

Quero ficar contigo... Nós somos inseparáveis e unidos para sempre...

A MÃE, *sahindo do seu profundo silencio.*

Tudo é separação e dôr!

MALAZARTE

Oh! diabo... eu ia partir esquecendo as pobres creaturas... Vamos... Voltem para a casa... Mas onde anda Militina? (*Chama-a.*) Militina!

MILITINA, *errante pela praia, vê um osso, apanha-o e contempla-o.*

Ainda um... E' preciso procurar os outros... São de meu filho ou de outros mortos, de que elle devorou a carne e rejeitou o esqueleto na praia. E os animaes do mar, e as aves do céu fizeram carniça!... Pobre filho! juntarei os teus ossos e tu te levantarás radiante no dia da resurreição... Tu resuscitarás, Raymundo.... Eu te verei... eu te verei...

MALAZARTE

Vamos, deixa-te disso, vem rezar em casa; isso consola a gente velha...

Malazarte conduz as duas mulheres pela mão.

A MÃE, *olhando dolorosamente o filho.*

Eduardo!

Eduardo fica triste, scismando. Dyonisia tem um movimento de revolta e exclama extranhamente.

DYONISIA

Ah! a maluca! Tu sabes? ella me divertiu... (*Imitando Militina.*) Eis aqui um osso, mais outro... Olha : ella esqueceu um, o seu morto não será perfeito... Será capenga no dia da resurreição... Isso alegrará a companhia...

EDUARDO

Dyonisia, deixa essa brincadeira cruel...

DYONISIA

Que tens? Ainda ha pouco estavas tão forte...

EDUARDO

Deixa em paz os mortos...

DYONISIA

Os mortos? Estes ossos? Os mortos?

EDUARDO

Ha sempre qualquer cousa de sagrado que fica... Esses ossos talvez sejam de naufragos...

DYONISIA

E eu que te julgava livre! Não, tu estás ainda preso a estas idéas contra a vida. Este osso te espanta. Vae. (*Fala ao osso.*), volta á terra, e alimenta com a tua cal bemfazeja as plantas e as flôres. Tu não te levantarás n'um esqueleto no dia do Juizo. A tua vida é continua e eterna, não estás morto, és vivo e dás a vida. Vae, nada é morto, tudo é vivo... (*Arremessa o osso.*)

EDUARDO

Eu sei que nada é morto.

DYONISIA

E nada espera a ressurreição... Crê que eu sorrio quando dizem que no ultimo dia a carne se transformará gloriosa... Eu me olho... Aqui tens o meu semblante, os meus olhos e a minha bocca... Aqui tens o meu corpo... Estou morta?

EDUARDO

A carne é gloriosa!...

DYONISIA

Ha um dia final? Aquelle que vive nos ardores da carne, está transformado... Para elle os dias se succedem interminaveis e bellos no frenesi do amor!...

EDUARDO

Eu esqueço a dôr e a vida, Dyonisia eterna! Tudo se desperta...

DYONISIA

E'a ressurreição do corpo... Por tanto tempo martyrisado, elle se ostenta... Começa a sua liberdade e recebe da luz a vida que transmite aos outros seres... Tudo estremece de novo, como outr' ora. O véo sombrio que envolvia as cousas, despedaçou-se pela força do sol, e os corpos erguem-se dos tumulos, onde o terror do pecado e do castigo os havia sepultado... E'a festa divina da natureza... Não ha

bem nem mal... Tudo que é bello, é o bem... O Universo é bello em suas representações que passam e se transmudam... Como és bello agora que és livre e transfigurado... E eu não tenho receio de te desvelar o meu corpo... Ser núa como o sol! Oh! os corpos se levantam graciosos como palmeiras... Oh! alegria, oh! delirio! A carne do homem e a carne da mulher são como sumptuosas flôres núas... Resurreição! Resurreição!

Eduardo fica inquieto da exaltação de Dyonisia.

DYONISIA

Eu te atormento e te faço medo...

EDUARDO

Esqueçamos tudo e amemo-nos, Dyonisia.

DYONISIA

Tu não tens a força de esquecer. Estás ainda neste mundo ao qual te arranquei, mas aonde voltam os teus pensamentos...

EDUARDO

Eu sou livre. Separei-me desse mundo.

DYONISIA

A tua separação não é a libertação absoluta.

EDUARDO

Ella será... mas fiquemos aqui; porque ir mais longe?...

DYONISIA

E' preciso que eu continue.

EDUARDO

Aonde vaes tu?

DYONISIA

Não sei...

EDUARDO

Aonde vamos nós?

DYONISIA

Para que saber?

EDUARDO

Todo o desconhecido me espanta...

DYONISIA

Como és covarde!...

EDUARDO

Dyonisia?

DYONISIA

Não me conhecias quando partiste commigo... O resto é como eu, incerto e mysterioso... Não sabes que nada é eterno na vida immortal?

EDUARDO

Ha sempre este terror que nos vem do fundo da consciencia... Somos bem mesquinhos. Precisamos da sociedade, necessitamos destas casas, das leis, de tudo o que occulta e protege o homem... Para sermos livres e felizes, precisamos de baluartes...

DYONISIA

Eu não vejo esses baluartes, estou fóra dessas illusões...

EDUARDO

Tu és feliz!

DYONISIA

Eu te quizera igual á luz... em toda a parte e na origem das cousas...

EDUARDO

Tu és a luz...

DYONISIA

Eu te quizera inconsciente como o vento que sopra e no emtanto acaricia... como a agua abundante e fresca, como a côr infinita das cousas que crêa a magia para os nossos olhos...

EDUARDO

Eu vivo da tua magia, Dyonisia...

DYONISIA

Sim, a luz, o sol, a côr, o mar... Ser tudo isso e não ser nada disso.

EDUARDO

Minha alegria!

DYONISIA

Eu quizera desaparecer na tua natureza como a luz desaparece docemente nas trevas poderosas... Tu carregas o fardo do passado e o espanto do futuro... Só Malazarte é extranho ao tempo... é o espelho do universo, sempre eterno, sempre vário...

MALAZARTE, *entra n'um grande jubilo*

Ao mar! ao mar!

EDUARDO

Onde as deixaste?

MALAZARTE

Quem?

DYONISIA

As velhas! E'em que elle pensa...

MALAZARTE

Levei-as durante um quarto de hora... mas era muito conduzil-as até á casa. Ellas conhecem o caminho. Os velhos são como os cegos e os cães : não se enganam de estrada. Agora, para o mar!... O vento anda por ahi, vae soprar e nós vamos dansar na barca...

DYONISIA, *rindo, commandando o mar*

Move-te, agita-te, espanta, mar! sopra, vento!... eu quero o mar grosso, eu quero cantar e rir no temporal!

MALAZARTE

Não te cances ; ahi vem o temporal, que tu chamas...

EDUARDO

Fiquemos aqui tranquillos.

MALAZARTE

Tomemos a barca... quero mostrar-lhes uma cousa muito linda...

DYONISIA

O que?

MALAZARTE

Outro dia, estava sósinho na barca, o vento era fresco, puz a embarcação no bom rumo e me deitei, olhando as nuvens que brincavam lá em cima... Assim fiquei até que dormi. De repente, um choque... Despertei e vi que ia de encontro a um rochedo, que seguramente lá não estava antes... Oh! se eu conheço o mar por aqui!...

DYONISIA

Onde esse rochedo? Na immensidade das aguas?...

MALAZARTE

Sim, muito longe... na immensidade das aguas... A' vista do rochedo, virei a barca e approximei-me o mais de leve possivel da ilhota. Naquella agua funda, naquelle oceano escuro, a ilha era como uma flôr vermelha, aberta sobre o mar. Atraquei, pulei em terra, e a maravilha augmentou : toda a ilha era um palacio de coral.

DYONISIA

O palacio de coral!

MALAZARTE

A agua cerca-o de todos os lados... Entrei. No interior estão aberturas por onde o sol penetra... A' noite a lua deitada sobre o leito de coral dorme um somno côr de rosa...

DYONISIA

E depois? Desappareceu tudo?



MALAZARTE

Não. Tudo alli permanece para sempre.

DYONISIA

Oh! eu quero vêr... eu quero...

MALAZARTE

Elle é teu, Dyonisia! Vem vêl-o!

DYONISIA

Vou... Eduardo, é preciso ir...

EDUARDO

E' preciso ficar, Dyonisia.

MALAZARTE

Dyonisia!... O palacio de coral...

DYONISIA

O meu palacio!... O meu sonho, que se realisa. Alguma coisa que estava em mim e que vem de ti, Malazarte!

MALAZARTE

E' tarde! Vem!

DYONISIA

Eu o desejava sem saber. Eram todos os meus desejos, inquietos e desenfreados... Eu errava sobre a terra e o buscava... O meu palacio estava no fundo das aguas... Elle sáe das aguas... Sinto em mim, no mais remoto do meu ser, como um retorno...

EDUARDO

Não, Dyonisia. Escuta, é uma mentira que elle nos conta... E' a tua ultima invenção, impostor? Vae-te, bandido!

MALAZARTE

Tu te zangas, homem da verdade? Vem vêr a mentira...

DYONISIA

E, no emtanto, elle existe!

EDUARDO

Existe? Mentira! illusão, desgraçada!

Durante alguns momentos, Dyonisia vê o palacio de coral... Ella olha Eduardo e, dissimulando a sua visão e a sua fé, quer attrahil-o para o mar

DYONISIA

Eu vou contigo... Cantarei emquanto atravessarmos o mar...

EDUARDO

Nunca!

DYONISIA

Vem... tu és o meu dominio, o meu reino; em teu sangue e em tua alma vivo na força da minha natureza... Vem... E' no mysterio do mar, e deante de todos os mysterios, que devemos realisar a união absoluta dos nossos seres...

EDUARDO

Tu me aterra!

DYONISIA

Covarde, covarde! E' assim que sois, apavorados deante da mais simples cousa da natureza, deante da agua...

MALAZARTE

Deixa-o... Tu és livre e forte. A barca está prompta, e se o vento nos ajudar, tu verás abrasado pelo sol o teu palacio de coral!

DYONISIA

O meu palacio de coral!... Não, eu não devo. O sonho é bello, mas este sonho me matará... Sinto que não serei mais eu... (*A Eduardo.*) que sem ti a minha vida se acabará; o sonho vae desaparecer, e tudo entrará na inconsciencia profunda... (*Fitando Malazarte.*) O sonho é bello, a natureza é a vida eterna...

MALAZARTE

Vem á immensidade das aguas...

DYONISIA

Quero a ilha de coral, quero a magia da luz, a côr e a agua banhando a minha morada...

EDUARDO

Não... Fica nesta terra, que foi a do nosso amor... Não me fujas...

DYONISIA

Quem se póde reter na violencia do desejo? Ha sempre alguma cousa além que é necessaria áquelles que vivem do absoluto... Dá-me a eternidade! Tu não podes!

MALAZARTE *na barca.*

Vem, Dyonisia... Tu serás a voz do mar! Vem!

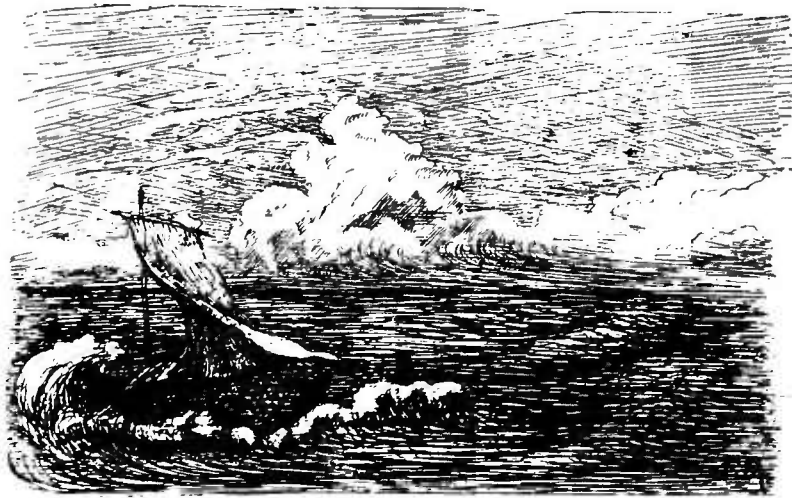
DYONISIA

Eu serei essa voz eterna... Eu serei o murmúrio infinito do amor e do desejo... Oh! alegria, se Dyonisia morrer...

MALAZARTE

A voz do mar cantará eternamente.

Dyonisia entra na barca, que parte lentamente, levando Malazarte e Dyonisia. Na praia, Eduardo fica só. Tudo é separação e dôr!



INDICE DAS ILLUSTRAÇÕES

	Pagina.
<i>PRIMEIRO ACTO. — Frontespicio.</i>	I
<i>Este é o delicioso jardim do mysterio</i>	11
<i>Vogando por este mundo a dentro.</i>	17
<i>O urubú calado, agourento.</i>	21
<i>Malazarte é a vida esplendida.</i>	31
<i>A maravilha que cada um tem no fundo da alma.</i>	33
<i>Eu a vi muitas vezes a esta hora, sentada á beira do poço.</i>	37
<i>Eu te dou as minhas flôres para que tu cantes.</i>	41

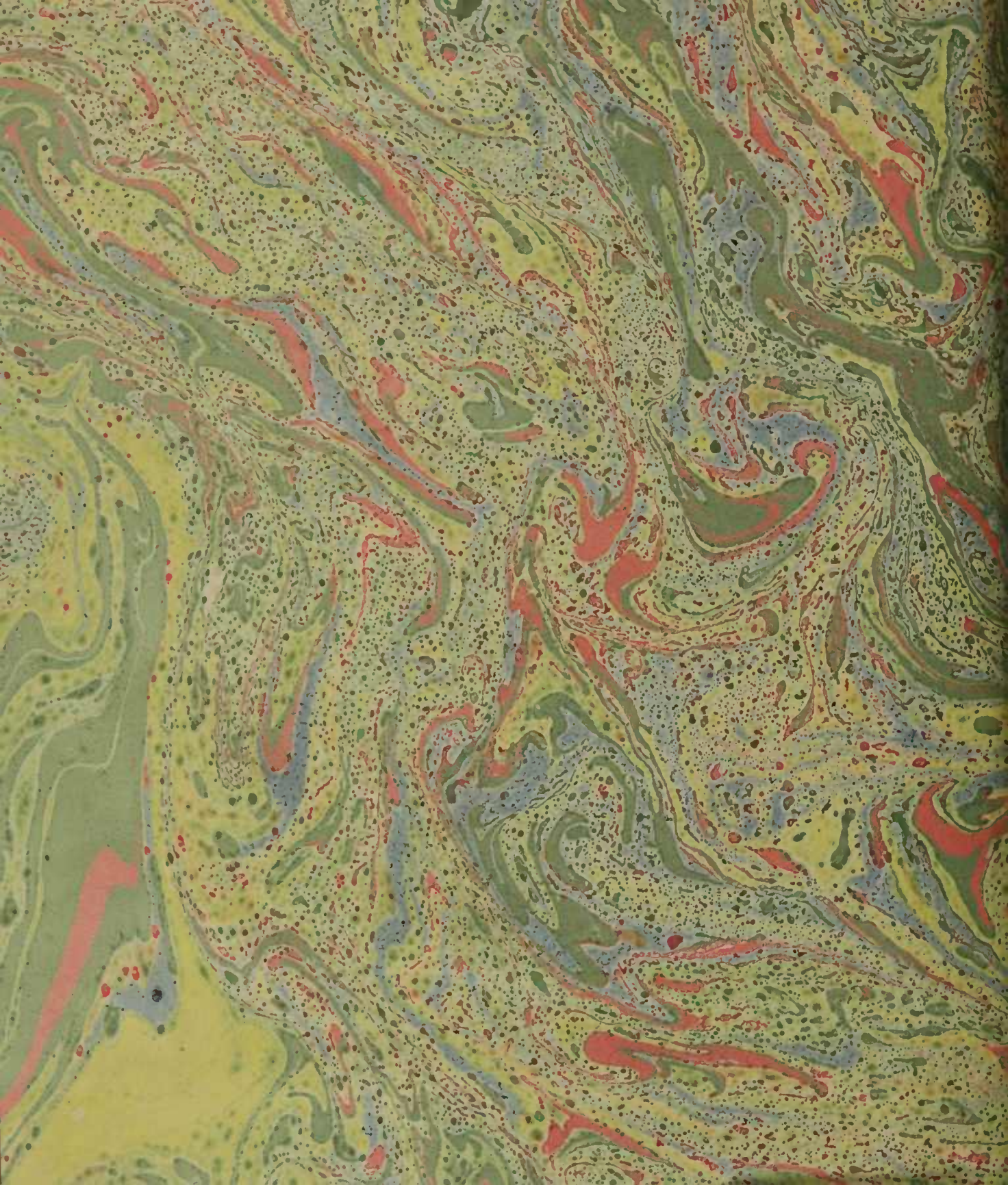
	Pagina.
<i>SEGUNDO ACTO. — Frontespicio.</i>	43
<i>Minha enerjia, meu sangue, minha alma é para dar a alegria e a belleza.</i>	55
<i>Elles disseram que eu era uma sereia</i>	59
<i>TERCEIRO ACTO. — Frontespicio.</i>	69
<i>Cantos de amor</i>	71
<i>Como és dourada e côr de rosa... dá-me o busio.</i>	75
<i>Sopro a tempestade no teu coração.</i>	79
<i>Como é doce nos amarmos nesta liberdade, nesta luz.</i>	81
<i>Só Dyonisia.</i>	87
<i>Luz bemdita, allumia meu filho.</i>	89
<i>Toda a ilha é um palacio de coral.</i>	101

PARIZ

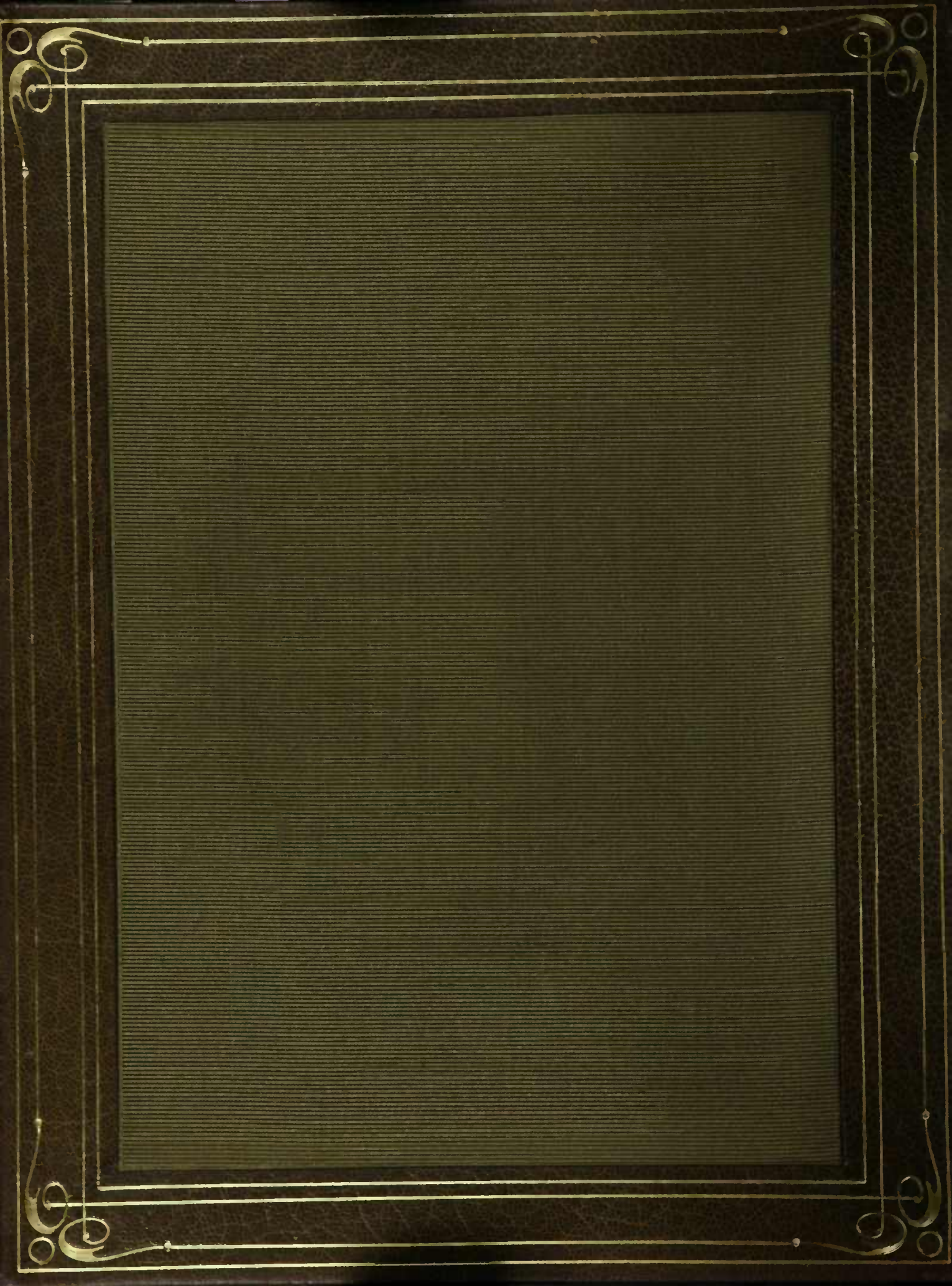
TYPOGRAPHIA PLON-NOURRIT E C^{ia} *→ U*

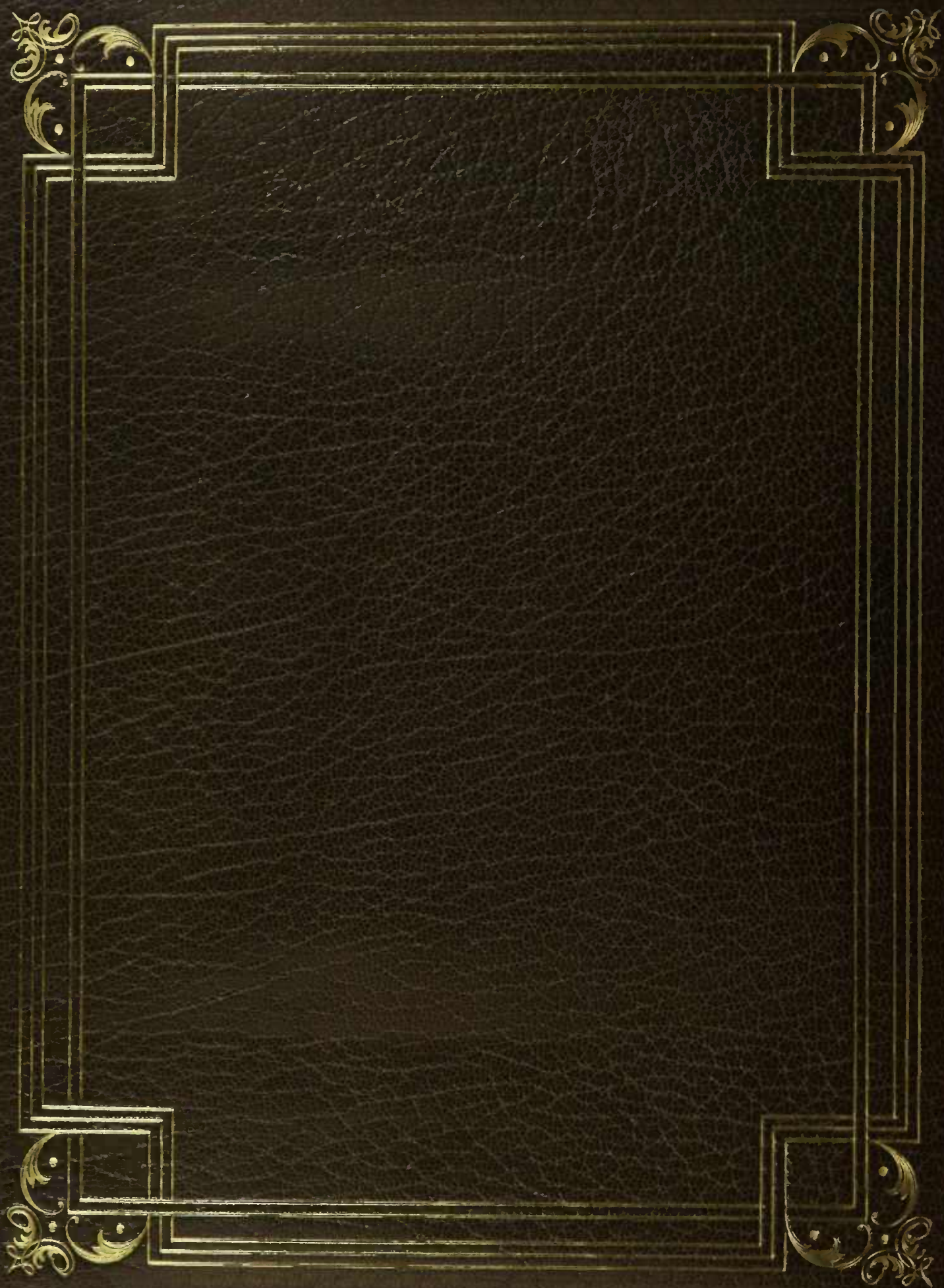
Rua Garancière, 8











BRASILIANA DIGITAL

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (brasiliiana@usp.br).